



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL – EICOS**

**Correlações entre o Envolvimento Ocupacional e a Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social: proposta de um novo referencial teórico com
ênfase na participação**

Maria Dalila Rufino de Araújo

Rio de Janeiro/RJ

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL – EICOS**

Maria Dalila Rufino de Araújo

Correlações entre o Envolvimento Ocupacional e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social: proposta de um novo referencial teórico com enfoque na participação

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora para o Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Lopes Correia

Rio de Janeiro/RJ

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663 Araújo, Maria Dalila Rufino de.
Correlações entre o envolvimento ocupacional e a psicossociologia de comunidades e ecologia social: proposta de um novo referencial teórico com enfoque na participação / Maria Dalila Rufino de Araújo. Rio de Janeiro, 2024.
106 f.

Orientador: Ricardo Lopes Correia.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2024.

1. Psicologia social. 2. Psicologia social comunitária. 3. Ecologia social. I. Correia, Ricardo Lopes. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 302

Maria Dalila Rufino de Araújo

Correlações entre o Envolvimento Ocupacional e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social: proposta de um novo referencial teórico com enfoque na participação

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora para o Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Lopes Correia

Aprovada em 03/09/2024.

Prof. Dr. Ricardo Lopes Correia (Universidade Federal do Rio de Janeiro – EICOS/ UFRJ)

Prof. Dra. Beatriz Akemi Takeiti (Universidade Federal do Rio de Janeiro – EICOS/ UFRJ)

Prof. Dra. Carolina Rebellato (Universidade Federal do Rio de Janeiro – DPTO/ UFRJ)

Prof. Dra. Claudia Reinoso Araujo de Carvalho (Universidade Federal do Rio de Janeiro – EICOS/ UFRJ)

Prof. Dra. Daniela Tavares Gontijo (Universidade Federal de Pernambuco – DPTO/ UFPE)

Com amor, dedico a minha mãe.
Com saudades, dedico ao meu pai.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Nonata e meu pai Elias (*in memoriam*) pelo dom da vida, pelo amor e pela nutrição.

Ao meu irmão mais velho, Danilo, meu grande amigo e maior apoiador na vida, por ser um homem forte, corajoso e justo. Por sempre cuidar de mim e por sua generosidade e bondade para com todos os seres.

Ao meu cachorro, Goguinho, meu fiel companheiro. Minha maior companhia nessa cidade. Sua presença trouxe amor, sentido e alegria para a minha vida.

Ao George, que foi meu apoiador em todo esse processo, que me incentivou a estudar e prestar a seleção para o mestrado. Agradeço imensamente pelo suporte.

Ao meu querido orientador, Ricardo Lopes Correia, pelo carinho, generosidade e encorajamento, a quem tenho imensa admiração pela sua didática, conhecimento e doçura.

Às professoras Beatriz Takeiti e Carolina Rebellato, membros da banca de defesa, pelas valiosas sugestões para o aprimoramento desta pesquisa.

Às pessoas queridas e extremamente generosas que gentilmente leram, revisaram e fizeram sugestões a este texto: Estela, Glória e Larissa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa durante 12 meses deste percurso.

A todos e todas que, direta ou indiretamente, construíram comigo nestes anos de mestrado no Rio de Janeiro os meus caminhos pessoais e profissionais, na minha incipiente formação como pesquisadora e gente.

Por fim, agradeço à ordem e ao caos, ao universo, a alguma força maior... a Deus. Não sei quanto a participação dele neste trabalho, mas alguns garantem que Ele está comigo sempre. Se estiver, quero registrar que sou grata.

*Com sol e chuva
Você sonhava, que ia ser melhor depois
Você queria ser o grande herói das estradas
Tudo que você queria ser*

*Sei um segredo
Você tem medo, só pensa agora em voltar
Não fala mais na bota e no anel de Zapata
Tudo que você devia ser, sem medo*

*Não se lembra mais de mim
Você não quis deixar que eu falasse de tudo
Tudo que você podia ser, na estrada*

*Ah! Sol e chuva na sua estrada
Mas não importa não faz mal
Você ainda pensa e é melhor do que nada
Tudo que você consegue ser (...)*

(Tudo o que você podia ser – Milton Nascimento)

DE ARAÚJO, Maria Dalila Rufino. **Correlações entre o Envolvimento Ocupacional e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social: proposta de um novo referencial teórico com enfoque na participação.** Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Orientador: Ricardo Lopes Correia. Rio de Janeiro, 2024

RESUMO

A pesquisa de caráter teórico investiga a relação entre o envolvimento ocupacional e a participação dentro do arcabouço teórico da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. O principal objetivo é identificar e analisar como o envolvimento ocupacional pode apoiar e contribuir com novas perspectivas para este campo de estudo. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa adota um método de revisão de escopo, buscando mapear a literatura existente sobre o conceito em questão. Foram utilizados operadores booleanos para identificar variações das palavras-chave “participação” e “envolvimento ocupacional” em português, inglês e espanhol. Os dados foram coletados de artigos indexados em bases de dados relevantes e analisados para identificar lacunas e convergências nos estudos existentes, tendo como auxílio o software ATLAS.ti. Os resultados revelam que a participação juntamente com outros conceitos como atividade, fazer, desempenho, significado e experiência, contribuem para entender e aproximar o envolvimento ocupacional na perspectiva da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. A revisão de escopo também identificou o termo “engajamento ocupacional” como similar ao conceito de envolvimento ocupacional, ampliando a compreensão das dinâmicas entre ocupação e participação. Conclusivamente, a pesquisa destaca a importância de metodologias participativas e qualitativas na análise do envolvimento ocupacional, propondo que futuros estudos empíricos testem a aplicabilidade desses conceitos em diferentes comunidades. Outrossim, sugere que a compreensão dessas correlações pode contribuir para a formulação de políticas públicas que incentivem a participação comunitária.

Palavras-chave: Envolvimento ocupacional; engajamento ocupacional, participação, Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

ABSTRACT

The present theoretical investigation examines the connection between occupational engagement and participation within the theoretical framework of Community Psychosociology and Social Ecology. The main goal is to identify and analyze how occupational engagement can support and contribute to new insights in this area of research. To achieve this objective, the research adopts a scoping review method, aiming to map the existing literature on the concept in question. Boolean operators were adopted to identify variations of the “participation” and “occupational engagement” keywords in Portuguese, English, and Spanish. Data were collected from articles indexed in relevant databases and analyzed to identify gaps and convergences in existing studies, with the aid of the ATLAS.ti software. The results reveal that participation, along with other concepts such as activity, performance, meaning, and experience, contribute to understanding and connecting occupational engagement with the perspective of Community Psychosociology and Social Ecology. The scoping review also identified the term "occupational involvement" as similar to the concept of occupational engagement, broadening the understanding of the dynamics between occupation and participation.

Keywords: Occupational engagement; Occupational involvement; Participation; Community Psychosociology and Social Ecology

SUMÁRIO

Introdução	16
1. Desenho metodológico: revisão de escopo.....	24
1.1 Aplicabilidade.....	24
1.2 Protocolos de revisão de escopo	25
1.3 Protocolo de análise de dados.....	31
2. Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social: pressupostos teóricos	33
2.1 O percurso da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social	33
2.2 Os métodos de pesquisa em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social	40
3. Resultados	46
3.1 Identificação, seleção e inclusão.....	46
3.2 Descrição dos achados.....	53
Categoria 1: Interação entre sujeito e ambiente.....	63
Categoria 2: Interdisciplinaridade.....	66
Categoria 3: Participação	69
Categoria 4: O significado das atividades e experiência.....	72
Categoria 5: Metodologias participativas	74
3.3 Discussão	78
Considerações finais	82
Referências.....	86
Apêndice A – Quadro-resumo de autores da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.....	91
Apêndice B – Elementos da análise de dados	92
Apêndice C – Mapeamento auxiliar de palavras (ATLAS.ti).....	106

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Descrição dos capítulos.....	22
Figura 2. Procedimento de revisão de escopo e análise de dados.....	26
Figura 3. Procedimento snowballing.....	30
Figura 4. Países inclusos na revisão de escopo após a rodada final	48
Figura 5. Participação individual e acumulada por país incluso após a rodada final .	49
Figura 6. Fluxo lógico de condução da revisão de escopo.....	52
Figura 7. Nuvem de palavras identificadas a partir da revisão envolvendo o conceito de envolvimento ocupacional com o eixo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Síntese elementos orientadores da inclusão dos estudos na revisão de escopo	28
Tabela 2. Quadro resumo da diversidade metodológica das pesquisas produzidas no EICOS.....	45
Tabela 2. Quadro resumo dos trabalhos identificados, selecionados e inclusos.....	46
Tabela 3. Quadro resumo dos trabalhos inclusos na Revisão de Escopo.....	51
Tabela 4. Categorias de aproximação entre o Envolvimento Ocupacional e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social	77

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CO	Ciência Ocupacional
DOAJ	Directory of Open Access Journals
EICOS	Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social
EOH	Estudos da Ocupação Humana
IAP	Investigação Ação-Participante
IP	Instituto de Psicologia
JOS	Journal of Occupational Science
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MA&R	Atividades Significativas e Recuperação
PMS	Síndrome Pré-menstrual
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
WOS	Web of Science

APRESENTAÇÃO

“E vou viver as coisas novas que também são boas.
O amor, humor das praças, cheias de pessoas.
Agora eu quero tudo. Tudo outra vez.”
(Belchior)

O caminho até esse tema de pesquisa foi como um labirinto cheio de reviravoltas, um processo de transformação contínua, onde o novo sempre me surpreendeu. Quando escrevi o projeto para o processo seletivo do EICOS, não imaginava que minha pesquisa tomaria a direção que agora apresento. Inicialmente, o tema parecia distante, reflexo de uma imaturidade acadêmica e da busca por perguntas e respostas que, naquela época, eu ainda não sabia formular e que ainda estou aprendendo. Durante essa jornada, houve momentos em que duvidei de mim mesma, questionando se o mestrado seria uma meta inalcançável.

Ao refletir sobre minha trajetória e a busca por me implicar com o tema, percebi que a chave para entender essa jornada estava na minha própria vivência de participação e engajamento nas ocupações do cotidiano. A entrada no mestrado foi justamente uma tentativa de criar raízes, de criar sentido para a vida e uma busca por um caminho que me trouxesse conexões e envolvimento com a sociedade. Nesse caminho eu descobri que esse envolvimento só se dá por meio das atividades e ocupações, pois “as ocupações produzem e expressam significados” (Correia, 2020, p. 469).

Essa conexão revelou-se indissociável da questão de classe e da forma como experienciamos os espaços que habitamos. As ocupações não ocorrem em isolamento; elas estão intrinsecamente ligadas a um sistema mais amplo de relações sociais e comunitárias, como bem destaca Correia et al., (2018).

Minha aproximação com esses estudos se deu pela participação no grupo de estudos que tínhamos assim que entrei no mestrado e liderado pelo Professor Dr. Ricardo Correia. As discussões semanais sobre temas que agora são o cerne da minha pesquisa moldaram minha compreensão sobre esses conceitos. A orientação do Ricardo, sempre generosa e paciente, foi essencial para que eu conseguisse me aprofundar nesse campo. Fui entendendo que a participação é um elemento-chave no campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, pois diz respeito

as relações entre indivíduos, grupos e o ambiente, considerando fatores psicossociais. Ademais, ao vivenciar a realidade da linha de pesquisa 1 - Ecologia Social, comunidades e sustentabilidade, outros elementos, como o envolvimento ocupacional, emergiram como constructos para uma abordagem teórico-metodológica mais aprofundada que me ajudassem a compreender a participação. Fui compreendendo que existe um desejo dentro da linha 1 de desenvolver pesquisas que considerem o que as pessoas fazem em seu cotidiano como parte das dinâmicas sociais. Este enfoque na ação cotidiana, nas ocupações, é o que considero mais relevante para futuras intervenções e pesquisas em Psicossociologia.

Minha participação na rede de pesquisa CuideUrbe e no projeto Participa Praia Vermelha 2030, assim como no projeto de extensão “TendaCidade UFRJ: dispositivo cultural para a participação urbana”, ampliou ainda mais meu interesse pelo tema da participação. Esses projetos me ajudaram a enxergar a participação como um instrumento para a criação de espaços urbanos mais humanos e inclusivos.

Esta pesquisa é, portanto, um reflexo das experiências e aprendizagens que acumulei ao longo deste percurso. Ela representa uma tentativa de explorar como as ocupações, enquanto fenômenos humanos e sociais, são moldadas pela cultura e pelos significados pessoais que as envolvem. A imersão nesse campo, polissêmico por natureza, me fez ver que a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social é um terreno fértil para aprofundar o entendimento sobre a participação e o envolvimento ocupacional.

INTRODUÇÃO

A Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social é um campo em construção no Brasil. Originalmente, a Psicossociologia, surgida nos Estados Unidos na década de 1950 e desenvolvida na França, foi inspirada em estudos da Psicologia Social, com uma perspectiva psicanalítica e desenvolvimentista, além de ser influenciada pelos estudos sociológicos de dinâmicas de grupo. Na América Latina, a Psicossociologia vem se constituindo a partir de suas próprias produções, como um campo de conhecimento inter e transdisciplinar dentro da área das Ciências Humanas e Sociais, voltado para a composição de saberes e tecnologias que abordam problemas contextualizados e localizados na experiência dos países latino-americanos (Takeiti et al., 2021).

De acordo com Camargo et al., (2021), ao chegar ao solo latino-americano, tal campo se deparou com problemáticas específicas, muitas das quais decorrentes do empreendimento colonial. Nasceu, portanto, uma nova percepção da Psicossociologia, gerada a partir das demandas do território e politicamente comprometida. Nesse contexto, seu objeto de estudo são as comunidades, e, enquanto campo interdisciplinar, vem incorporando saberes de áreas como Psicologia Social, Comunicação, Antropologia, Sociologia, Terapia Ocupacional, dentre outras áreas de estudo, para a compreensão e análise de questões contemporâneas.

A Terapia Ocupacional, especificamente, se apresenta de maneira emergente ao campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Não obstante, não há evidências que identifiquem suas correlações e contribuições, mesmo considerando que pesquisadoras e pesquisadores vêm compondo o campo, com produções de conhecimento na qual as ocupações humanas, atividades e cotidianos ancoram perspectivas epistêmicas e metodológicas.

A Terapia Ocupacional se debruça sobre a compreensão e intervenção nas problemáticas das comunidades a partir do envolvimento ocupacional, conceito oriundo dos Estudos da Ocupação Humana – EOH ou Ciência Ocupacional (CO). Segundo a Federação Mundial dos Terapeutas Ocupacionais, a Terapia Ocupacional é uma profissão focada em promover a saúde e o bem-estar por meio da ocupação.

Seu principal objetivo é possibilitar que as pessoas participem plenamente de suas atividades cotidianas.

Os terapeutas ocupacionais atingem esse objetivo colaborando com sujeitos e comunidades para aumentar suas oportunidades de engajamento nas ocupações que desejam, necessitam ou são esperadas que realizem, seja ajustando a ocupação ou modificando os ambientes para facilitar e apoiar seu envolvimento ocupacional (WFOT, 2012). Logo, como observado nesta definição, o objeto de estudo da Terapia Ocupacional é a ocupação.

Magalhães (2013) destaca que a evolução do termo ocupação é marcada por debates e discussões sobre seus fundamentos teóricos e técnicos, especialmente dentro da Terapia Ocupacional e da Ciência Ocupacional, uma disciplina proposta no final dos anos 1980 pela terapeuta ocupacional Elizabeth Yerxa, na Universidade do Sul da Califórnia, EUA. Para Yerxa (1993, p.5) a Ciência Ocupacional (CO) é descrita como uma “ciência básica dedicada ao estudo dos humanos como seres ocupacionais”. A compreensão da ocupação humana e seus condicionantes sociais, econômicos, culturais e políticos é o principal objeto da Ciência Ocupacional, e que tem se institucionalizado rapidamente, especialmente em países anglófonos.

No entanto, Frank (2022) critica o estado atual da Ciência Ocupacional, argumentando que essa disciplina estagnou dentro do sistema universitário neoliberal. A autora destaca a necessidade de a disciplina abordar questões sociais, como justiça ocupacional, direitos humanos, descolonização e polarização política. Frank (2022), defende uma reconstrução da Ciência Ocupacional que integre o pragmatismo com teorias sociais críticas para produzir conhecimento significativo a partir de diferentes locais e contextos.

Por conseguinte, no contexto latino-americano e, de forma similar a história da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, os Estudos da Ocupação Humana – EOH vêm se constituindo “como um campo epistêmico que reúne diferentes referenciais teórico-metodológicos sobre a ocupação humana enquanto uma experiência relacionada ao agir das pessoas em um dado contexto e ambiente” (Correia, 2021, p.61). Correia (2021) advoga que os EOH representam uma forma de circunscrever os esforços teórico-metodológicos sobre a ocupação humana nos países latino-americanos e de língua portuguesa que não necessariamente se apoiam

na CO. Isso porque a CO nos países destas regiões, como o Brasil, apenas alcançou a produção acadêmica no final dos anos 2000 e ainda sofre com significativas contestações.

Tais contestações, como descritas por Morrison et al., (2021), alicerçam-se no contexto histórico especialmente dos países latino-americanos que, diferentemente de países anglófonos, como os EUA, não separou a sua produção científica da produção técnica (de intervenção enquanto cuidado) da Terapia Ocupacional. Para os autores, apoiados nos trabalhos precursores da CO, como também apresentado no trabalho de Frank (2022), a crise do ensino superior vivenciada nos EUA no final dos anos 1980 em conjunto com a crise de identidade profissional de terapeutas ocupacionais, mergulhados no cientificismo biomédico, fez com que a CO fosse criada enquanto uma ciência básica, a fim de promover conhecimentos sobre a ocupação humana. Sendo a CO uma ciência interdisciplinar, complementa e agrega conhecimentos à Terapia Ocupacional, mas se diferencia.

Atualmente, o que se observa na América Latina, especialmente em países como Brasil, Chile e Colômbia, uma forte aproximação entre Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional, sobretudo em função da necessidade de criação de programas de pós-graduação específicos em Terapia Ocupacional e na internacionalização do conhecimento. Assim, diferentes teorias e perspectivas teóricas passam a ser introduzidas na Terapia Ocupacional latino-americana, reproduzindo-a enquanto busca diferenciações de acordo as distintas realidades territoriais, políticas e culturais, sendo o caso do envolvimento ocupacional.

O conceito destacado nesta pesquisa, envolvimento ocupacional, decorre dos EOH. Correia (2021), define o envolvimento ocupacional como uma experiência individual e coletiva que recorre aos modos de realização e a participação das atividades da vida cotidiana, considerando a relação indissociável entre o sujeito e o seu ambiente. O envolvimento ocupacional diz respeito à participação dos sujeitos nas ocupações diárias, bem como à importância que essas atividades têm em suas vidas. Ainda segundo Correia (2021), o envolvimento ocupacional se refere à realização e à experiência do sujeito ao participar das ocupações da vida cotidiana. Essas ocupações incluem as formas de autocuidado, trabalho, estudo, mobilidade, lazer, que estruturam e dinamizam o cotidiano das pessoas.

Ademais, o conceito de envolvimento ocupacional está intimamente associado à participação, haja vista o pressuposto que os atores sociais sejam partícipes das diferentes atividades, fomentando um sentimento de pertença e cidadania, seja no ambiente de trabalho, seja nos espaços coletivos de reivindicação por seus direitos, a partir do significado compartilhado culturalmente nos espaços sociais. Nesse sentido, o envolvimento ocupacional é uma forma de inserção no mundo, consciente e/ou inconsciente, significado na construção do tecido social. A perspectiva teórica do envolvimento ocupacional, no âmbito dos EOH (seja pela Terapia Ocupacional ou pela CO), foi e vem sendo produzida sob diferentes referenciais teóricos, como a Antropologia, Filosofia, Psicologia, Biologia, entre outras, a fim de compreender este fenômeno enquanto uma dimensão complexa da vida humana.

Diante disso, a presente pesquisa propõe uma aproximação teórica entre os conceitos de envolvimento ocupacional e o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social como forma de reconhecer problemas relacionados à falta ou fragilidades de participação. Essa escolha se justifica pelo entendimento de que a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social integra diferentes referenciais teóricos para abordar o seu objeto de estudo, que inclui as comunidades e a participação comunitária. A ênfase na participação está alinhada com os processos metodológicos que caracterizam este campo de estudo.

A pesquisa busca oferecer um novo referencial teórico para o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, explorando como o conceito de envolvimento ocupacional pode contribuir para uma compreensão mais aprofundada nos estudos de comunidades. Entende-se que há uma ausência de relação explícita entre envolvimento ocupacional e Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social na literatura existente, o que justifica a necessidade de desenvolver uma revisão teórica e uma análise cuidadosa para explorar essa possível integração, no intuito de enriquecer esse campo, sobretudo na perspectiva da participação e dos estudos de comunidades, explorando sua relação com o envolvimento ocupacional no âmbito da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

A relevância deste estudo se alicerça na contribuição para a discussão teórica no campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Propõe-se, portanto, um novo olhar por meio da lente do envolvimento ocupacional, enquanto avalia a aplicabilidade desses conceitos para a prática e a pesquisa em comunidades.

A problemática da pesquisa é principalmente de natureza epistêmica e teórica, focada na necessidade de aproximar discussões teóricas de campos que até então são distintos, como os EOH e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, e que possuem naturezas inter e transdisciplinares, ainda pouco desenvolvidos. A percepção denota que, ao acompanhar a evolução desses campos, ambos os campos foram incorporando diferentes disciplinas para ampliar e complexificar seus problemas e demandas sociais. Portanto, a problemática implica algo que está em construção, assim como a necessidade de identificar teorias e ferramentas para entender e responder a problemas complexos da vida social.

Sendo a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social um campo de pesquisa recente no Brasil com potencial para a integração de diferentes abordagens teóricas e práticas, a originalidade da pesquisa reside na aproximação teórica entre o conceito de envolvimento ocupacional e seus conceitos correlatos, situando-os no campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Acredita-se que a condução de um trabalho de sistematização, como na presente dissertação, possa contribuir para o aprofundamento das reflexões sobre este campo do saber.

O estudo pretende responder às seguintes questões: como o conceito de envolvimento ocupacional pode ser integrado no contexto da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social? Quais são as contribuições teóricas e práticas dessa integração para o campo? Para abordar essas questões, a análise dos dados se concentrará em identificar e discutir as possíveis interseções entre os referenciais teóricos de envolvimento ocupacional e as pesquisas no campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Partiu-se, por conseguinte, da hipótese que participação é o elo que conecta a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social com o conceito de envolvimento ocupacional. Conjectura-se que a relação entre esses campos possa ser mais bem compreendida por meio da identificação de conceitos-chave que aproximem a ideia de ocupação da ideia de comunidade.

Ademais, a pesquisa revela outras categorias e conexões que possam ampliar e enriquecer essa correlação inicial, fornecendo contribuições teóricas para ambos os campos, tais como: interação entre sujeito e ambiente, interdisciplinaridade, o significado das atividades e experiências e seus métodos de pesquisa. Assim, a

pesquisa almeja contribuir para a discussão teórica no campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, propondo um novo olhar sobre a participação através da lente do envolvimento ocupacional e avaliando a relevância e aplicabilidade desses conceitos para a prática e a pesquisa em comunidades.

Contudo, a dissertação não busca definir participação de forma estrita, mas explorar sua relação com o envolvimento ocupacional dentro da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Considerando a potencial lacuna na literatura quanto a estudos que direta ou indiretamente abordam os conceitos-chave que a presente pesquisa se propôs a endereçar, entende-se que mapear o tamanho e o escopo dessas pesquisas seja indicado, dada a possível falta de material suficiente para avaliação crítica da qualidade das evidências.

A análise dos dados buscará identificar se, e como, esses conceitos e referenciais teóricos podem contribuir para o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, oferecendo novas perspectivas para a prática e a pesquisa. Isto posto, esta pesquisa tem como **objetivo geral** identificar e analisar a relação entre envolvimento ocupacional e o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, a partir da noção de participação.

Especificamente, busca-se como objetivos:

1. Revisar a literatura sobre envolvimento ocupacional, identificando conceitos-chave e debates relevantes.
2. Caracterizar os artigos a partir de termos, conceitos e áreas;
3. Identificar como o envolvimento ocupacional pode apoiar e contribuir com uma outra perspectiva teórica para o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

A Figura 1 ilustra a estrutura de pesquisa adotada na presente dissertação. As atividades-chave para a condução da pesquisa foram identificadas e estruturadas em capítulos, com a especificação da abordagem de pesquisa considerada.

Figura 1. Descrição dos capítulos

<p><i>Introdução</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Discussão preliminar e identificação do problema <input type="checkbox"/> Objetivos <input type="checkbox"/> Delimitação da pesquisa 	<p>Capítulo 1 <i>Desenho metodológico</i></p> <div style="border: 1px solid black; background-color: #e0e0e0; padding: 2px; margin-bottom: 5px;">Revisão de escopo</div> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Aplicabilidade <input type="checkbox"/> Protocolos de revisão <input type="checkbox"/> Bases de indexação <input type="checkbox"/> Elementos de análise de dados
<p>Capítulo 2 <i>Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Pressupostos teóricos <input type="checkbox"/> Síntese dos estudos 	<p>Capítulo 3 <i>Resultados</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Delimitação <input type="checkbox"/> Identificação, seleção e inclusão <input type="checkbox"/> Descrição dos achados (categorias)
<p><i>Considerações finais e implicações</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Considerações finais e implicações da pesquisa <input type="checkbox"/> Limitações da pesquisa <input type="checkbox"/> Aprofundamentos futuros 	

Fonte: A autora, 2024.

Em seguida, os capítulos e os procedimentos de pesquisa são apresentados, indicando a relevância das atividades para o endereçamento do problema posto.

Introdução

A introdução precede uma revisão narrativa introduzindo o tema, visando a identificação do problema, a questão central e objetivos da dissertação. Além disso, enfatiza-se a relevância e originalidade do tema, bem como se estrutura a pesquisa.

Capítulo 1: Desenho metodológico

Neste capítulo, apresenta-se o desenho metodológico desta pesquisa (método de revisão de escopo e de análise de dados). Visa-se identificar o tamanho e o escopo da literatura existente, indicando potenciais lacunas a serem aprofundadas.

Capítulo 2: Revisão de literatura

Apresentação do histórico da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social e seu arcabouço teórico, estabelecendo uma fundamentação teórica acerca dos principais elementos que cercam o objeto de estudo.

Capítulo 3: Aplicação do método, resultados e discussão

O capítulo aplica o método de revisão de escopo, estruturando o estado da arte sobre o a temática posta. Tem-se, portanto, a identificação e discussão das diferentes áreas de pesquisa abordadas nos artigos, bem como é conduzida uma análise sobre os resultados da aplicação, investigando a relação entre o conceito de envolvimento ocupacional com o campo epistêmico da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Considerações Finais

Por fim, as considerações finais sumarizam o problema e as etapas metodológicas realizadas para a sua caracterização, reforçando as lacunas existentes na literatura especializada. Ademais, as considerações finais são apresentadas. Possíveis implicações científicas, sociais e políticas são levantadas, bem como as dificuldades encontradas e potenciais oportunidades de aprofundamentos em pesquisas futuras.

1. DESENHO METODOLÓGICO: REVISÃO DE ESCOPO

Esta seção discorre sobre o método de Revisão de Escopo, incluindo sua estrutura e aplicabilidade. Ademais, também é delineado o procedimento de análise e síntese dos resultados.

Esta pesquisa caracteriza-se como uma Revisão de Escopo, na qual empregou procedimentos mistos para a busca de artigos, sendo um processo de busca para artigos sobre envolvimento ocupacional e outro para a psicossociologia de comunidades e ecologia social. Explica-se que o emprego de métodos mistos se deu devido a inexistência de materiais científicos relacionados entre os campos da Terapia Ocupacional/EOH/CO e Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social em estudo prévio desta pesquisa.

1.1 Aplicabilidade

Os protocolos de revisão abrangem múltiplos propósitos, mas, essencialmente, visam endereçar questões de pesquisas ou identificar lacunas no conhecimento (Booth; Sutton; Papaioannou, 2016). Usualmente, as pesquisas de revisão utilizam uma abordagem narrativa. Essa abordagem é adotada na situação em que se busca responder questões dentro de um determinado tópico, mas que não necessariamente há necessidade de declarar ou seguir protocolos sobre a busca de evidências. Este tipo é o que se delineou no capítulo anterior para subsidiar uma compreensão mais robusta para os eixos epistêmicos que serão cruzados e analisados a partir do desenho metodológico central desta dissertação, que é a revisão de escopo.

A revisão de escopo busca sintetizar evidências e mapear a literatura existente sobre um conhecimento considerando a sua natureza, característica e volume (Silva *et al.*, 2021). Todavia, a revisão de escopo não objetiva avaliar criticamente a qualidade da evidência encontrada, mas assimilar a extensão e o escopo da literatura existente (Arksey; O'malley, 2005; Grant; Booth, 2009).

Considerando a potencial lacuna na literatura quanto a estudos que direta ou indiretamente abordam os conceitos-chave que a presente dissertação propõe endereçar, entende-se que mapear o tamanho e o escopo dessas pesquisas seja indicado, dada a possível falta de material suficiente para avaliação crítica da qualidade das evidências. Nessa circunstância, opta-se pela adoção da revisão de escopo em detrimento da revisão sistemática.

Ademais, em concordância com o raciocínio de Collins e Fauser (2005), sustenta-se que, para expor e discutir o conhecimento de base, conceitos em evolução e controvérsias a respeito de um fenômeno, é oportuna a flexibilidade de uma revisão narrativa com ampla cobertura e escolhas situacionais sobre a inclusão de evidências. Fornece-se, portanto, uma linha cronológica a respeito da evolução do problema e sobre como ele tem sido abordado pela literatura.

Em contraste, o rigor de uma revisão de escopo é necessário para a eficácia da identificação de lacunas e ratificação do problema posto nesta dissertação. A escolha é aberta para muitos outros tópicos científicos, com o mérito da transparência e reprodutibilidade.

Portanto, entende-se que ambas as abordagens de revisão são relevantes, sendo aplicáveis em contextos específicos. A depender das evidências levantadas e do tamanho da literatura identificada, pode ser necessária a realização de revisão documental complementar, visando incluir na análise estudos e documentos eventualmente não indexados nas bases selecionadas.

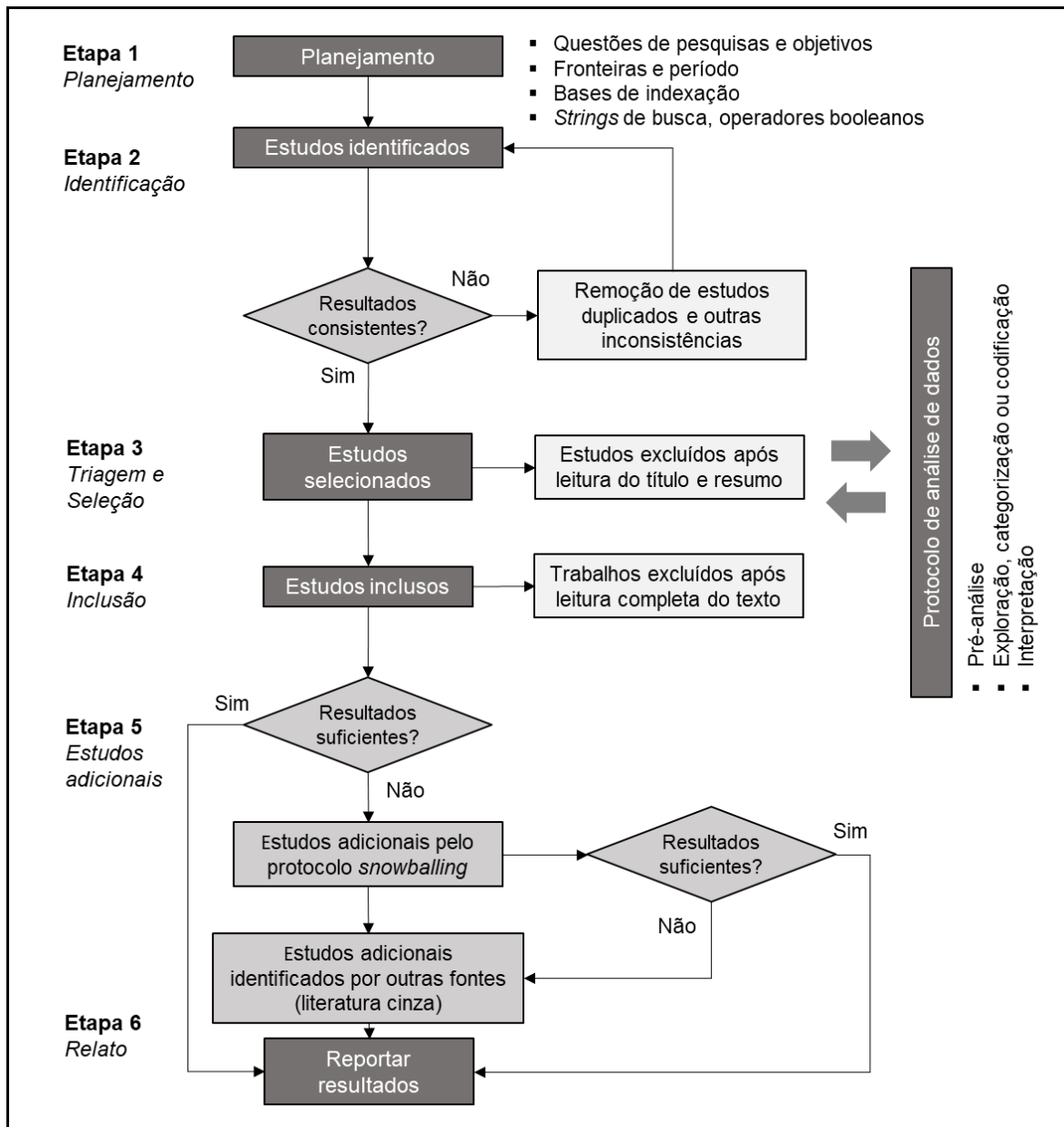
A revisão documental insere na pesquisa uma variedade de documentos, identificados a partir de protocolos de seleção, compreensão e apreciação de informações (Chizzotti, 2018). Considera-se uma revisão documental quando informações pertinentes ao objeto de estudo não são disponibilizadas em artigos ou livros integrados em bases de periódicos científicos.

1.2 Protocolos de revisão de escopo

A Figura 2 **Erro! Fonte de referência não encontrada.** ilustra o protocolo desenvolvido, adaptado de Kitchenham (*et al.*, 2009), Wohlin, C. (2014) e Bardin

(2011), para orientar as atividades de revisão de escopo e análise de dados. O protocolo considera seis etapas: (i) planejamento; (ii) identificação; (iii) triagem e seleção; (iv) inclusão; (v) estudos adicionais; e (vi) relato. O protocolo de análise de dados, detalhado na seção 3.2, é interativo, realizado nas etapas 2, 3, 4 e 5.

Figura 2. Procedimento de revisão de escopo e análise de dados



Fonte: A autora, 2024, a partir de Kitchenham (*et al.*, 2009), Bardin (2011) e Wohlin, C. (2014).

Na etapa de planejamento, as questões de pesquisa e objetivos da revisão são levantadas. No caso, a revisão de escopo visa responder à questão que orienta a presente pesquisa, ou seja: “De que maneira os conceitos de participação e envolvimento ocupacional têm sido integrados e explorados na literatura acadêmica, considerando suas variações conceituais e metodológicas no contexto brasileiro e internacional ao longo do tempo?”

Ainda nessa etapa, as bases de indexação são levantadas e os protocolos de revisão¹ são estruturados. A fim de assegurar a identificação de uma maior diversidade de estudos, a busca foi realizada em seis bases de indexação², especificamente: (i) Science Direct; (ii) SciELO; (iii) Directory of Open Access Journals (DOAJ); (iv) Journal of Occupational Science (JOS); (v) Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); e (vi) Google Acadêmico.

Isto posto, identifica-se qualquer variação das palavras-chave “participação” e “envolvimento ocupacional”, considerando os idiomas português, inglês e espanhol. Especificamente, adota-se a seguinte combinação de operadores booleanos³: (Participação OR Participation OR Participación) AND (Envolvimento Ocupacional OR Occupational engagement OR Implicación ocupacional OR Ocup* OR Occup*).

A busca é realizada sobre o título, resumo e palavras-chave dos artigos indexados nas bases selecionadas. Ademais, visando identificar o escopo do tema na literatura, a busca é aberta a estudos de periódicos indexados publicados em qualquer data, não restritos ao idioma português. Dessa forma, pretende-se estruturar a evolução histórica do tema tanto no Brasil como no contexto internacional⁴.

O resultado desse processo de busca é a relação dos estudos identificados (Etapa 2). O protocolo de análise de dados (detalhado na seção 3.2) é aplicado, especialmente, à etapa de exploração e categorização dos dados, visando remover estudos duplicados, ou seja, obtidos de diferentes bases de indexação, bem como estudos listados a partir de um erro do mecanismo de busca da plataforma. Como

¹ Período analisado, idiomas, países etc.

² Cada base inclui uma vasta gama de periódicos indexados.

³ Palavras que informam ao sistema de busca como combinar os termos de sua pesquisa, por exemplo: “AND” (E), OR (OU) e NOT (NÃO). O asterisco “*” indica à base de indexação que qualquer variação da palavra após este ponto deve ser considerada como válida, ampliando o alcance da identificação.

⁴ Ainda, busca-se dar ênfase a países com contexto social e econômico semelhante ao brasileiro.

forma de codificar e categorizar os estudos da revisão de escopo, estruturou-se os elementos-chave considerados na análise de dados. A lista é exposta na Tabela 1.

Tabela 1. Síntese elementos orientadores da inclusão dos estudos na revisão de escopo

Elemento	Detalhamento
Código	Número atribuído ao estudo como forma de identificação
Base de indexação	Base na qual o estudo está indexado e a busca foi realizada
Termo utilizado	<i>String</i> pelo qual o artigo foi alcançado na busca
Periódico	Revista na qual o estudo foi publicado
Área de conhecimento	Saúde, humanas etc.
Origem disciplinar	Terapia ocupacional, psiquiatria, psicologia etc.
Local de publicação	País no qual a instituição do autor principal está localizada
Idioma	Português, inglês ou espanhol
Autores	-
Ano da publicação	Estudos publicados em qualquer data
Tipo de pesquisa	Principal abordagem metodológica aplicada no estudo
Título da publicação	-
Compreensão da participação	Identificação da forma com qual a participação foi abordada no estudo analisado
Referencial teórico sobre participação	Principais autores referenciados no estudo analisado
Elementos de conexão	Elementos que conectam a participação e o envolvimento ocupacional

Elemento	Detalhamento
Resultados	Descrição dos principais resultados de interesse da revisão

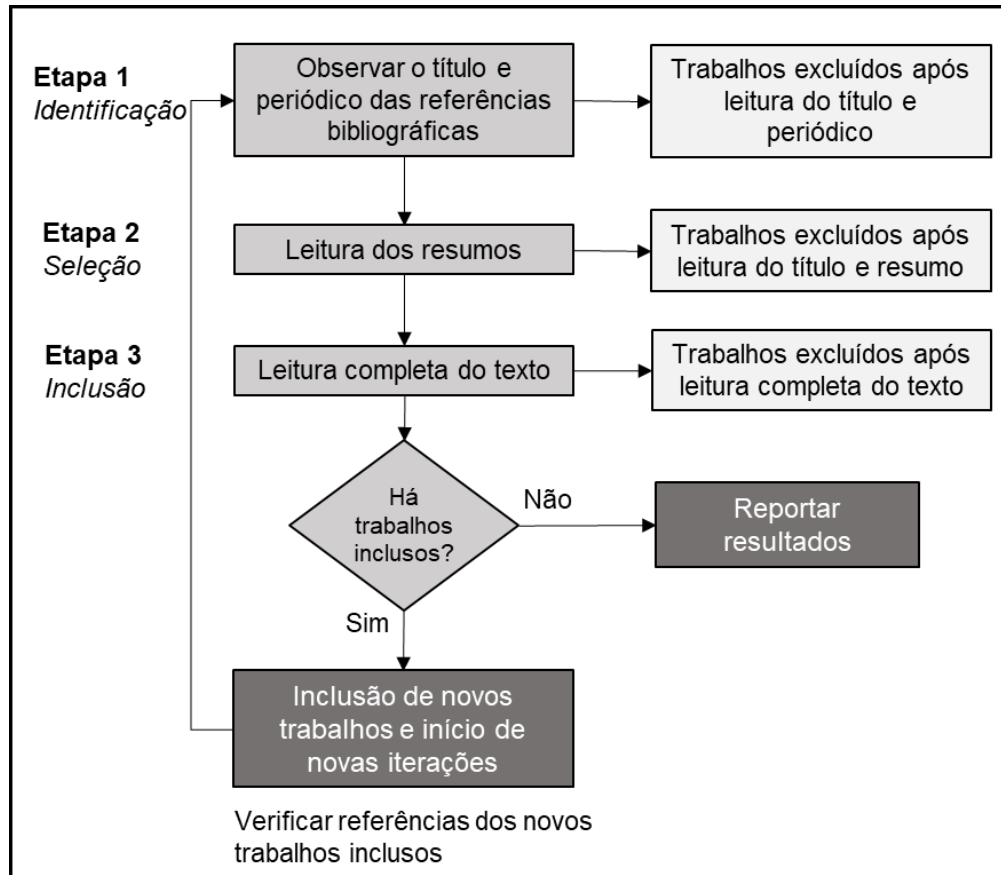
Fonte: A autora, 2024.

O processo de triagem e seleção, representado na Etapa 3, foi conduzido com base na leitura do resumo dos estudos, tendo como critério a aderência do conteúdo ao objetivo da revisão de escopo. Isso significa que serão selecionados apenas estudos que abordem simultaneamente dois ou mais dos eixos epistêmicos estudados. Ademais, não são selecionados estudos publicados em áreas exatas e sociais aplicadas como engenharias e administração. Assim como na etapa anterior, os resultados da triagem e seleção são categorizados e codificados, facilitando a apreciação aprofundada dos estudos.

Na Etapa 4, o processo de inclusão dos achados considerou a leitura completa dos estudos. Isto posto, adota-se como critério de inclusão a presença de informações detalhadas o suficiente que permitam identificar como os eixos foram articulados/conectados. Especificamente, os estudos devem se centrar nos conceitos participação e envolvimento ocupacional. Do mesmo modo que nas etapas anteriores, os resultados da inclusão são categorizados e codificados.

Na situação em que os estudos incluídos eram em quantidade insuficiente para realizar uma articulação teórico-metodológica entre os autores, foram iniciadas novas interações adotando o método *snowballing* (Wohlin, 2014). O intuito desse método foi identificar, a partir das referências bibliográficas contidas nos estudos inclusos, trabalhos relevantes aos objetivos da revisão que não foram identificados em rodadas anteriores. A

Figura 3 detalha o procedimento de *snowballing*, adaptado de Kitchenham (*et al.*, 2009) e Wohlin (2014).

Figura 3. Procedimento *snowballing*

Fonte: A autora, 2024, a partir de Kitchenham *et al.* (2009) e Wohlin, C. (2014).

Caso o método *snowballing* não resulte em um número significativo de estudos inclusos, outras bases de indexação são consultadas ou informações coletadas na literatura cinza (*grey literature*) são levantadas. No segundo caso, insere-se a revisão bibliográfica de teses e dissertações⁵, anais de conferências e boletins informativos. Salienta-se que a pesquisa contou com o suporte técnico da bibliotecária do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) nas fases 2, 3, 4 e 5.

⁵ Em especial, do Programa EICOS (UFRJ).

1.3 Protocolo de análise de dados

Para a sistematização e análise do material de investigação, adotou-se o método de análise de conteúdo (Bardin, 2011). A análise de conteúdo é uma técnica sistemática para a análise de dados, viabilizando a identificação de padrões e temas comuns (Sousa; Santos, 2020). Esse método permite que o pesquisador identifique as principais questões, conceitos e temas em uma área específica de interesse, o que pode levar a uma síntese abrangente dos resultados da revisão.

Os dados qualitativos, provenientes da leitura detalhada dos estudos, foram analisados utilizando a Análise Temática, uma das técnicas recomendadas no método de Análise de Conteúdo de Bardin (Bardin, 2011). No que diz respeito especificamente à Análise Temática, a autora afirma que essa técnica permite identificar temas recorrentes, cuja frequência de aparição indica possíveis significados extraídos do material, conforme o nível de análise desejado, possibilitando a descoberta de núcleos de sentido (Bardin, 2011). Isto posto, o procedimento se fundamenta em três etapas:

- i. Pré-análise: primeiro contato (leitura flutuante) com os documentos que serão analisados, formulando hipóteses e indicadores que guiarão a interpretação;
- ii. Exploração do material, categorização ou codificação: desmembramento e posterior rearranjo para fins de análise;
- iii. Interpretação inferencial: busca de significado nas informações por si próprias ou em conjunto com outras informações.

Essa abordagem é convencionalmente adotada para identificar as principais áreas de pesquisa, tendências e lacunas de revisões de escopo, haja vista ser flexível quanto aos diferentes tipos de dados. O cerne da análise de conteúdo é a noção de categoria, a partir da qual se classificam incidências homogêneas, exaustivas, exclusivas, objetivas e adequadas a uma determinada pergunta.

As categorias podem ser compostas antes ou depois do material encontrado. Podem, inclusive, remeter a aspectos formais do discurso, como a sintaxe, a lógica ou a estilística. A análise “frequencial” de incidências de termos, que são incluídos em

grupos, gerando relações de aproximação ou afastamento, de recorrência ou raridade, são os objetivos mais simples e imediatos de uma análise de conteúdo (Dunker, 2016).

Concomitantemente, para auxiliar o processo de categorização ou codificação do material, bem como interpretação, adotou-se a ferramenta ATLAS.ti. O programa auxilia os processos de segmentação, codificação e construção de teorias para relacionar conceitos, categorias e temas. O pesquisador insere os dados primários e fornece instruções ao programa para a realização do processo de codificação. As inferências e categorizações são realizadas pelo pesquisador, suportado pela sua base teórica. Os resultados são sintetizados pela ferramenta e resumidos em múltiplas perspectivas ou visões da análise (diagramas, segmentação de dados etc.).

Salienta-se que a ferramenta ATLAS.ti auxilia ao processo de organização da análise dos dados, mas não a realiza sozinha (Silva Junior; Leão, 2018). O pesquisador, por conseguinte, exerce um papel central na articulação das instruções e na interpretação dos resultados, nesse caso, identificando correlações entre os três eixos epistêmicos analisados na revisão de escopo.

2. PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, exploramos os fundamentos teóricos do campo da Psicossociologia - a perspectiva que serve como base para a análise da participação nesta pesquisa. Para aprofundar a discussão proposta, inicialmente, busca-se justificar a relevância desse campo de estudo, destacando sua origem e evolução. Na segunda parte, apresentam-se os métodos de pesquisa utilizados no campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

2.1 O percurso da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

A Psicossociologia surgiu como uma proposta teórica dentro do campo da Psicologia Social, como uma área de estudo sobre os grupos sociais e suas interações na sociedade. Esse campo de estudo e pesquisa começou a se desenvolver na década de 1950, nos Estados Unidos, em um período pós-Segunda Guerra Mundial caracterizado pela recuperação econômica do país. Como esse período representou uma época de reconstrução econômica para o país, os proprietários das indústrias estavam dispostos a apoiar propostas de modernização de suas empresas, visando melhorar tanto o desempenho produtivo quanto os métodos de gestão. Assim, para os industriais daquela época, essa abordagem parecia ser interessante para buscar alternativas na gestão de seus empregados (Dubost, 2001).

Paralelamente, também na década de 1950, havia um movimento de intercâmbio entre Estados Unidos e França com intenção de elaborar estudos voltados ao incremento da produtividade industrial (Dubost, 2001). Esse movimento parece estar associado ao nascimento da psicossociologia na França, que ocorreu na mesma época. Contudo, a escola francesa rapidamente começou a se distanciar da abordagem pragmática americana, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1970.

Em entrevista publicada sob forma de Boletim da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Eugéne Enriquez (2009) discorreu sobre as origens da

Psicossociologia Francesa. Na publicação, o autor expôs as origens da Psicossociologia Francesa como consequência da busca por aplicação da psicologia nas empresas com o objetivo de compreender os fenômenos de grupo no ambiente de trabalho. Enriquez destacou ainda que, ao contrário das abordagens conservadoras e reacionárias predominantes na França antes da guerra, a Psicossociologia Francesa emergiu com uma perspectiva mais democrática e preocupada com a participação coletiva na tomada de decisões.

Ainda no período entre as décadas de 1960 e 1970, autores como Serge Moscovici buscaram uma apreciação da Psicossociologia Francesa sob a ótica de múltiplos fatores, de modo a considerar o psiquismo e as suas interações sociais, tendo inspirações nos fundamentos da Psicanálise e das Representações Sociais. Assim, a influência da Psicanálise foi significativa na formação do conceito de sujeito na Psicossociologia Francesa que, além de integrar perspectivas psicanalíticas, tinha como foco o contexto social, cultural e político dos sujeitos sociais (Casadore, 2013).

A Psicossociologia Francesa se apresentou, então, como uma vertente mais voltada à clínica, ou seja, no sentido de desenvolvimento de uma técnica de escuta dos sujeitos em grupo e a análise de situações vivenciadas na vida cotidiana em grupos, organizações e comunidades (Lévy *et al*, 2001).

Na clássica obra “Introdução à Psicossociologia”, Jean Maisonneuve (1977), reiterou a psicossociologia como um campo constituído interdisciplinarmente. O autor definiu o campo como uma “ciência charneira” ou “ciência de interação”, que surgiu a partir da incapacidade da psicologia ou da sociologia de explicarem sozinhas os aspectos individuais ou coletivos associados à complexidade das condutas humanas.

Corroborando com o autor, Casadore (2013) acrescenta a importância da articulação entre a Psicossociologia e campos das Ciências Humanas e Sociais, como antropologia, historiografia, psicanálise a fenomenologia, o que possibilitaria a abertura de um amplo campo de compreensão na busca por respostas para questões humanas, individuais e coletivas, na contemporaneidade.

Essa perspectiva interdisciplinar leva em consideração fatores e elementos que extrapolam os contemplados em apenas uma disciplina, articulando conhecimentos de distintos campos das ciências humanas para uma produção de saber interconectada. Assim, a esfera da psicossociologia é de interação, zelando por uma

visão que não seja reducionista: “interação dos processos sociais e psíquicos ao nível das condutas concretas, interação das pessoas e dos grupos no quadro da vida cotidiana” (Maisonneuve, 1977, p. 5).

Dessa forma, a ênfase na concretude foi um marco que estabeleceu a especificidade da Psicossociologia em relação à Psicologia Social, o que refletiu na diversificação das metodologias utilizadas. Enquanto a Psicologia Social se dedicava ao estudo de sujeitos abstratos, dissociados de seus papéis sociais reais a partir de experimentos, a Psicossociologia se interessou pelo estudo de sujeitos em situações cotidianas, dentro de seus grupos, organizações e comunidades, utilizando inicialmente a metodologia de pesquisa-ação (Machado e Roedel 2001).

Dessa maneira, a necessidade de uma abordagem interdisciplinar se tornou ainda mais evidente. Complementando essa perspectiva, Carreteiro (2001), ainda inspirada pela vertente da Psicossociologia Francesa, afirma que a psicossociologia considera que, para entender um fenômeno social, seja necessário adotar uma perspectiva interdisciplinar, estabelecendo conexões e diálogos entre diversas áreas do conhecimento. Do mesmo modo, Vasconcelos (2016) complementa esse argumento ao considerar que as situações cotidianas e os fenômenos sociais constituem as matérias-primas para a investigação nesse campo, o que demanda uma leitura interdisciplinar do fenômeno estudado.

Jodelet (2018) salienta que, ao analisar o campo de atuação da psicossociologia, abordam-se, por meio de processos psicológicos, fenômenos que são geralmente estudados pelas Ciências Sociais em virtude de sua escala e da forma como afetam a vida coletiva.

Machado e Roedel (2001) reforçam essa perspectiva ao afirmar que o campo “interessou-se pelo estudo de sujeitos em situações cotidianas, em seus grupos, organizações e comunidades” (p. 11). De maneira similar, Costa (2008) ressalta que “a psicossociologia envolve levantamento, descrição e interpretação de produções coletivas, buscando registrar fenômenos da vida cotidiana” (p.77).

A partir das influências históricas e culturais que moldaram a Psicossociologia, é necessário reconhecer que, no contexto latino-americano, o campo se desenvolveu com uma forte preocupação com as realidades sociais e culturais específicas da região. Como discutido em “A porta, a ponte e a rede: reflexões para pensar o conceito

de rede e o conceito de comunidade” de D’Avila (2003), não há uma “essência comunitária universal”, o que significa que as intervenções e os estudos psicossociológicos devem ser adaptados às particularidades de cada contexto social.

Essa perspectiva é fundamental para compreender a Psicossociologia Latino-Americana como um campo que se distancia do universalismo europeu, promovendo práticas que emergem das experiências locais e das “comunidades instantâneas”, onde a formação de identidades e práticas sociais ocorre de maneira dinâmica e contextualizada.

Com base na perspectiva dos estudos pós-coloniais, que questionam a centralidade da cultura europeia nas análises, a autora Lages (2013) argumenta que:

A psicossociologia, caracterizada pela complexidade de sua interdisciplinaridade e por uma trajetória um tanto conturbada, tanto pela construção de uma episteme que atenda suas necessidades como de metodologias que orientem sua prática, encontra-se mergulhada hoje num contexto de mudanças paradigmáticas que exigem dela novos reposicionamentos. [...] Isto quer dizer que ela deve dar sua contribuição no sentido de construir novos conceitos e estratégias epistemológicas de complexidade e de interdisciplinaridade, que atendam à nova conjuntura sociocultural, se posicionando de forma crítica na agenda das lutas emancipatórias, anti-opressivas, descolonizando suas teorias e práticas (Lages, 2013, p.87).

Além de enfatizar a interdisciplinaridade e a concretude das situações vividas em grupo, a Psicossociologia também se aprofunda na compreensão dos sentidos de comunidade, que são construídos a partir de afetos, memórias coletivas e lutas compartilhadas (Costa e Silva 2015). Os autores argumentam que a participação social é moldada por esses elementos, que aglutinam e reorganizam coletivos em torno de causas comuns, evidenciando a complexidade e a fluidez dos vínculos comunitários.

Essa perspectiva amplia a compreensão da Psicossociologia ao destacar que os sentidos de comunidade não são fixos, mas emergem e se transformam constantemente através das interações sociais, das experiências compartilhadas e das lutas comunitárias. O conceito de comunidade aqui é visto como um campo dinâmico, onde as forças de coesão e de divergência coexistem, produzindo uma rede de relações que sustenta a identidade e a solidariedade dentro do grupo (Costa e Silva

2015). Portanto, ao considerar os afetos e as memórias como elementos centrais na formação dos sentidos de comunidade, a Psicossociologia avança em sua capacidade de analisar e intervir nas dinâmicas sociais complexas que caracterizam os grupos humanos.

Retomando o percurso da psicossociologia, no contexto latino-americano, surge uma psicossociologia para além do binarismo entre Psicologia e Sociologia. Essa psicossociologia se situa como um campo com perspectivas transversais, inter e transdisciplinar, além de estar em diálogo com as diversas áreas do conhecimento e ser politicamente comprometida. Logo, trata-se de um campo alinhado com a “reinvenção conceitual em contextos nos quais a realidade experienciada se converte em lócus de sementeiras epistemológicas pertinentes e legítimas” (Camargo et al., 2021, p.3).

A psicossociologia latino-americana se ergue, por conseguinte, ancorada nos pressupostos de teóricos latino-americanos como Maritza Montero (da Venezuela), Ignacio Martín-Baró (de El Salvador), Maria Inácia D’Ávila Neto (do Brasil), Paulo Freire (do Brasil) e Orlando Fals Borda (da Colômbia) para pensar e propor a construção de uma psicossociologia “regional, descolonizada e descolonizadora” (Camargo et al., 2021, p. 3).

No Brasil, a história da Psicossociologia está intimamente ligada com a trajetória do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS). Fundado em 1989 no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e idealizado pela professora Maria Inácia D’Ávila Neto, o EICOS surgiu como uma resposta às demandas sociais e acadêmicas por uma abordagem mais ampla e interdisciplinar no estudo dos fenômenos psicossociais e sua relação com a Ecologia Social. Reconhecido pela CAPES em nível de mestrado em 1992 e de doutorado em 2001, o Programa vem contribuindo, desde sua criação, para a construção de uma Psicossociologia e Ecologia Social brasileira.

No final da década de 1980 e início dos anos 1990, as professoras Maria Inácia D’Ávila Neto e Tânia Barros Maciel, ambas professoras do curso de Psicologia, estavam profundamente engajadas em projetos voltados para o desenvolvimento de questões ambientais, um campo que, na época, ainda não era amplamente discutido

sob a perspectiva da sustentabilidade, mas que era permeado por uma visão de mundo em contraposição a visão capitalista, ocidental e hegemônica.

O movimento para a criação do EICOS surgiu da necessidade de conectar teoria e prática, refletindo a carência de uma abordagem que considerasse as interações entre sociedade, natureza e cultura. Maria Inácia D'Ávila Neto e Tânia Barros Maciel vislumbraram a necessidade de um programa que abordasse essas questões de forma interdisciplinar, desafiando a visão tradicionalmente dominada por engenheiros e biólogos, e incorporando aspectos das Ciências Humanas e Sociais, que até então estavam marginalizados (Irving, 2021). Assim, a criação do EICOS foi influenciada por diferentes correntes de pensamento, como a Psicologia Social, a Psicanálise, a Sociologia, a Antropologia e a Ecologia Social. A proposta do programa era transcender a visão individualista da psicologia tradicional, buscando entender o comportamento humano como produto de complexas interações sociais, culturais e ambientais.

O Projeto Sinuelo (1981-1988), realizado no Pantanal mato-grossense, está entre as pesquisas e intervenções que serviram de inspiração para a criação do Programa EICOS. Esse projeto de pesquisa e extensão, que contou com o apoio da UNESCO para estabelecer o Laboratório de Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia (IP) da UFRJ, partiu do pressuposto de que a Ecologia Social era o campo apropriado para embasar esses projetos, por sua capacidade de conectar a natureza e a cultura, representada nas tradições, hábitos e costumes locais. (Faico, 2022).

O programa EICOS, foi então iniciado no começo da década de 1990, período em que o debate socioambiental sobre o desenvolvimento começou a ganhar destaque no cenário internacional, marcado principalmente pela Eco-92. Naquele momento, havia dois grandes movimentos na pauta do debate internacional que influenciavam cada vez mais o pensamento contemporâneo: o movimento ambientalista e o movimento feminista (Irving, 2020). Seu caráter inovador foi reconhecido internacionalmente com a obtenção, em 1993, da Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Sustentável.

Assim, esse campo de pesquisa se desenvolveu a partir de um debate que ressaltava a necessidade de não dissociar natureza sociedade e cultura. Com base nisso, o programa EICOS – na época chamado Estudos Interdisciplinares de

Comunidades - buscou promover um diálogo mais profundo com os movimentos sociais, traduzindo as contemporâneas questões debatidas para uma leitura interdisciplinar e socioambiental do desenvolvimento.

Baseado nas dinâmicas e implicações desses movimentos, o EICOS buscou desde sua concepção traduzir essas discussões socioambientais do desenvolvimento para o âmbito acadêmico. A inspiração veio da Ecologia Social, focando no diálogo entre sociedade, natureza e cultura, e percebendo os problemas sociais como indissociáveis dos ambientais (Irving, 2020).

A construção do programa e de algumas linhas de pesquisa teve forte influência de pensadores da época, como Edgar Morin, Serge Moscovici, Denise Jodelet entre outros, que discutiam as representações sociais. Buscava-se uma abordagem transdisciplinar, rompendo com a produção de conhecimento segmentado e fragmentado, visando uma análise mais efetiva e complexa da realidade. O programa se estruturou ao longo do tempo, observando a sociedade e repensando a produção acadêmica em direção à transdisciplinaridade, rompendo com a lógica segmentada e fragmentada do conhecimento, e buscando uma leitura ampla da realidade em suas nuances e complexidades (Irving, 2020).

Atualmente, o Programa EICOS tem se destacado como um espaço acadêmico inovador para o desenvolvimento de pesquisas com uma abordagem crítica e engajada em relação ao cenário de desigualdades sociais que caracteriza o contexto latino-americano, e brasileiro em particular. A partir desse olhar, busca-se soluções práticas para problemas socioambientais, com uma perspectiva local e comunitária. (Maciel; Souza, 2018; Faico, 2022).

Desde então, o programa EICOS tem sido pioneiro na formação de pesquisadores e profissionais que buscam compreender a dinâmica das comunidades e grupos sociais em diferentes contextos. Ao longo de sua trajetória, o EICOS abriu espaço para a discussão de temas emergentes, como a sustentabilidade, a inclusão social, a diversidade cultural e os impactos da tecnologia na vida das pessoas e das comunidades. Essas reflexões ampliaram ainda mais o escopo da psicossociologia, tornando-a mais relevante para os desafios contemporâneos.

Com o passar do tempo, o programa foi sendo alimentado e estruturado de acordo com as observações e mudanças na própria sociedade, estando em sintonia

com as práticas e diálogos entre academia e movimentos sociais. O objetivo era analisar os novos comportamentos necessários na sociedade contemporânea para enfrentar os multifacetados desafios da época.

Desde sua fundação, o EICOS vem evoluindo, mas mantendo sua matriz fundamental. Atualmente, o programa abriga linhas de pesquisa como "Ecologia Social, Comunidade e Sustentabilidade", que revisita questões de desenvolvimento e sustentabilidade sob uma ótica de inclusão social e construção da cidadania.

Outra linha de pesquisa é a "Psicossociologia Crítica, Comunidades e Redes", que busca entender os processos psicossociais de construção de conhecimentos e práticas em grupos e comunidades, promovendo uma abordagem mais colaborativa à pesquisa. Ademais, foi incorporada uma nova dimensão com a "Psicossociologia da Saúde e Comunidades", que integra profissionais da saúde para explorar os processos psicossociais de saúde e cuidado em grupos e comunidades (Eicos, 2024).

Irving (2018) destaca que:

[...] a Psicossociologia estabelece como diferencial em seu caminho investigativo, a vida cotidiana dos grupos sociais como campo de experimentação. O seu delineamento se baseia, em essência, na análise das dimensões psíquicas, sociais e políticas por meios das quais indivíduos e grupos se posicionam nas micropolíticas da vida cotidiana, nos movimentos sociais, nas organizações e nas instituições. (Irving, 2018, p. 141)

A partir dessa análise, busca-se construir propostas concretas de intervenção, com vistas a ações transformadoras nas relações institucionais, comunitárias e interpessoais. O Apêndice A resume os principais autores cuja obra concerne ao campo de pesquisa.

2.2 Os métodos de pesquisa em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Desenvolvida na França sob a égide da pesquisa-ação de Kurt Lewin, a Psicossociologia não pressupõe somente uma ação a partir de um leque de técnicas e metodologias específicas. Segundo Braz, Casadore e Hashimoto (2020), ela compreende um modo de estar presente mais sensível por parte do interventor

inserido na pesquisa, implicando a consideração de que o “objeto” da pesquisa/ação é composto essencialmente por sujeitos complexos: atores sociais, historicizados, que integram um grupo específico e se inserem em um determinado contexto.

Nasciutti (2000), ao discutir sobre o método interdisciplinar na psicossociologia, também destaca a pesquisa-ação como a abordagem mais utilizada entre os pesquisadores da área. Essa metodologia se distingue por integrar o conhecimento acadêmico com o conhecimento popular. Em vez de seguir o modelo tradicional, experimental e quantitativo baseado em princípios positivistas, a pesquisa-ação rejeita a ideia de neutralidade do pesquisador e não se separa pesquisador-objeto de pesquisa (Azarmow, 2021).

Para Dubost (2001), nesse campo, a metodologia da pesquisa é vista como uma via para acessar fenômenos que seriam inacessíveis aos métodos tradicionais de pesquisa, os quais, historicamente, estiveram centrados em uma perspectiva disciplinar no campo das Ciências Humanas e Sociais.

Embora a psicossociologia brasileira e latino-americana se beneficie de uma herança teórica e metodológica de seu desenvolvimento na Europa, ela também se constrói a partir de uma perspectiva própria, marcada por uma crítica ao colonialismo e uma valorização das culturas e saberes locais. Nesse contexto, a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social busca desenvolver metodologias e abordagens que sejam mais condizentes com a realidade e as necessidades específicas das populações latino-americanas.

Conforme Azamorw (2021), a Psicossociologia não se limita a ser apenas um conjunto de metodologias. “Suas bases são posturas epistemológicas, visões de mundo e posições frente ao modo de se conhecer os fenômenos” (p.138). Dessa forma, a psicossociologia delinea uma lógica complexa na interação entre o pesquisador e o campo de estudo. Além disso, supera a dualidade tradicional entre pesquisador-pesquisado, reconhecendo que cada sujeito participante da pesquisa possui saberes significativos que devem ser valorizados.

Camargo et. al, (2019), sugerem que esse campo inclui abordagens participativas, colaborativas, populares e descolonizadoras. Essas metodologias permitem às comunidades participar, interagir, mobilizar, engajar e comprometer-se,

reconhecendo o protagonismo das comunidades, incluindo seus diferentes saberes, memórias e trajetórias.

Os desafios encontrados nas pesquisas em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social exigem flexibilidade no pensar e a adoção/criação de metodologias e conhecimentos contra hegemônicos. Com isso, ao analisar as dissertações e teses produzidas pelo EICOS entre 2022 e 2024 e acessadas no site do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, observamos que as metodologias adotadas são de caráter predominantemente qualitativas. Entre os métodos utilizados, destacam-se a pesquisa-ação de Michel Thiollent, a pesquisa participante, a pesquisa etnográfica de Anna Tsing, a pesquisa-intervenção com abordagem cartográfica cunhado por Deleuze e Guatarri, as pesquisas documentais, a Investigação-Ação-Participante (IAP) de Orlando Fals Borda, narrativas temáticas e histórias de vida, a partir da metodologia MVDL “Minha Vida Dá um Livro”, dentre outras.

Cada pesquisador traz para o EICOS uma bagagem teórica e metodológica única, que se torna um elemento central na construção da transdisciplinaridade buscada pelo programa. Essa diversidade metodológica é interessante, pois permite a criação e o desenvolvimento de novos métodos que não se baseiam em pressupostos metodológicos pré-estabelecidos.

Observa-se que as teses e dissertações produzidos no EICOS são intrinsecamente políticas, no sentido de que elas fazem escolhas conscientes sobre o lugar da fala e o engajamento, além de adotar uma leitura crítica e construtiva do mundo, influenciando políticas públicas, movimentos sociais e processos de transformação.

A Tabela 2 objetiva apresentar a diversidade metodológica das pesquisas produzidas no EICOS. Em um horizonte de 3 anos, foram selecionados 18 trabalhos e analisados 10. A análise das dissertações e teses revela uma prevalência de métodos qualitativos e participativos, alinhando-se com as posturas epistemológicas da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social que refletem essa interação entre pesquisador e campo de estudo. Os trabalhos encontrados e analisados abordam temas como sustentabilidade, comunidades tradicionais, práticas culturais e

estratégias de re-existência, todos importantes para compreender as metodologias utilizadas e as contribuições específicas de cada pesquisa para o campo em questão.

Autor	Ano	Título da Pesquisa	Objetivo Geral	Metodologia
Graciela Faico Ferreira	2022	CULTIVANDO AMANHÃS DESEJÁVEIS NAS UNIVERSIDADES: Da Ecologia Social à Psicologia Ambiental para regenerar sustentabilidades na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Investigar, a partir do terreno teórico de ancoragem da Ecologia Social, de que forma o compromisso de sustentabilidade vem sendo cultivado nas universidades brasileiras, considerando as projeções de caminhos desejáveis no contexto da Década da Ação para a Agenda 2030, e tendo como campo empírico a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Levantamento bibliográfico, documental e de matérias jornalísticas, mapeamento de Instituições e Centros de Pesquisa, participação em eventos sobre a temática, e análise crítica baseada em seis edições do Relatório Luz.
Bárbara Cristina Pelacani da Cruz	2023	OS QUERERES E FAZERES DAS MULHERES EM MARCHA: A Psicossociologia com comunidades na luta pela terra e pela vida	Identificar como as confluências das mulheres que participaram da 6ª Marcha das Margaridas e da 1ª Marcha das Mulheres indígenas produzem re-existências contracoloniais dos corposterritórios que fortalecem a luta pela terra e pela vida.	Análise Documental; Revisão Bibliográfica; Observação Participante
Paulo Gabriel Pereira Ribeiro	2023	Teatro do Oprimido como linguagem de resistência do INSTITUTO TRANS DA MARÉ numa Investigação Ação - Participante	Analisar quais as estratégias de resistência surgem e/ou são utilizadas pelas transvestigêneres do Instituto Trans da Maré diante das relações/hierarquias de poder, domínio dos corpos e suas subjetividades, por meio de oficinas teatrais.	Abordagem qualitativa com base na pesquisa-ação e Investigação Ação-Participante (IAP) de Michel Thiollent e Fals Borda. Foram realizadas oficinas de teatro a partir da estética do Teatro do Oprimido
Thais Sâmela Castro de Moraes	2023	UM LUGAR CHAMADO "TERRA NOVA": Desdobramentos psicossociais e novas territorialidades após o desastre socioambiental de 2011 em Nova Friburgo - RJ	Investigar os desdobramentos psicossociais e novas territorialidades após um desastre socioambiental em Nova Friburgo, RJ	Pesquisa-intervenção com abordagem cartográfica, utilizando entrevistas semiestruturadas com moradores e trabalhadores locais
Kaarina Barbosa Virkki	2023	BEM ME QUER, MAL ME QUER: decodificando a hospitalidade carioca para se pensar a retomada do turismo no Rio de Janeiro pós-Pandemia da Covid-19	Investigar a dinâmica da hospitalidade e da dádiva na cidade do Rio de Janeiro e sua Região Metropolitana, com foco na interação entre residentes e turistas.	Pesquisa bibliográfica e documental, mobilização para o campo, realização da pesquisa de campo, e sistematização, interpretação e análise das informações obtidas. A pesquisa de campo foi realizada por meio de questionários online.
Margareth Alves Pontes	2023	Narrativas, escuta sensível, lugares (e não lugares) das espiritualidades nos cuidados da vida: Psicossociologia dos afetos e produção de saber ancestral pelas mãos das rezadeiras de Mocambo do Arari - AM	Identificar, junto com as mulheres rezadeiras do Mocambo do Arari, em Parintins (AM), como narram suas trajetórias na relação com a reza.	O método utilizado foi o de narrativas temáticas e histórias de vida, a partir da metodologia MVDL. Foi utilizado o gravador como recurso secundário, o que permitiu, após elaboração dos diários de notas intensivas, a transcrição das falas.
Yasmin Xaviaer Guimarães Nasri	2023	SOL, PRAIA E PARQUE: Narrativas insurgentes sobre o Lazer de Base Comunitária na Região Turística da Costa do Sol (RJ, Brasil)	analisar os significados de lazer nas narrativas e vivências das comunidades tradicionais dessa região.	Levantamentos bibliográfico e documental, além da observação participante
Jéssica Coelho	2023	Percepções sobre racismo ambiental e direito à cidade no Bairro de São Pedro, Teresópolis, RJ: injustiça	Compreender a vivência do racismo ambiental na (re)produção do direito à cidade dos atores do Bairro São Pedro.	Abordagem mista, combinando pesquisa documental e oficinas de intervenção com os moradores do Bairro São Pedro. Utilizou-se

Autor	Ano	Título da Pesquisa	Objetivo Geral	Metodologia
		ambiental com Recorte racial na favela.		a Investigação Ação Participativa (IAP) como metodologia principal.
Gustavo Cerqueira Mendes de Sousa	2024	Economia do Sentido: Empreendimentos Solidários, Desenvolvimento Local e Bem Viver"	Investigar as ações coletivas desenvolvidas pela AAPOP, empreendimento econômico-solidário de Paraty, que contribuem com a construção de práticas econômicas alternativas e promovem Bem Viver.	Pesquisa participante com inspirações na Investigação-Ação-Participante (IAP) de Orlando Fals Borda e revisão bibliográfica
Samira Younes Ibrahim	2024	Mulheres sobreviventes de desastres socioambientais em Petrópolis – RJ: Re-existências para suspender o céu. Psicossociologia e desastres	compreender as estratégias de re-existências de mulheres sobreviventes de desastres socioambientais em Petrópolis – RJ que possam contribuir para "suspender o céu.	Inspiração etnográfica, com observação participante

Tabela 2. Quadro resumo da diversidade metodológica das pesquisas produzidas no EICOS

Fonte: A autora, 2024.

3. RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados da revisão de escopo conduzida, considerando também a aplicação do método *snowballing*. A Seção 4.1 detalha os resultados das etapas metodológicas de identificação, seleção e inclusão dos artigos, bem como o contexto geográfico e áreas de pesquisa. Por sua vez, a Seção 4.5 discorre sobre a apreciação do conteúdo dos artigos inclusos na revisão de escopo.

3.1 Identificação, seleção e inclusão

A Tabela 3 resume os artigos identificados, selecionados e inclusos na revisão de escopo nas seis bases de dados selecionadas⁶.

Tabela 3. Quadro resumo dos trabalhos identificados, selecionados e inclusos

Base de dados/indexação	Identificados	Selecionados	Inclusos
Science Direct	1	1	-
DOAJ	23	11	4
JOS	39	9	7
LILACS	48	-	-
Google Acadêmico	174	-	-
SciELO	46	-	-
Total	331	21	11

Fonte: A autora, 2024.

⁶ Science Direct; SciELO; DOAJ; JOS; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde; e Google Acadêmico.

A aplicação das palavras-chave, seguindo os operadores booleanos selecionados, resultou na identificação de 372 artigos. Todavia, deste total, 41 artigos constavam em mais de uma base de indexação. Após a exclusão das versões duplicadas, seguindo como critério de exclusão o artigo presente na base com maior quantidade de identificações, resultou-se no montante de 331 artigos identificados. Nessa linha, o Google Acadêmico foi a base de dados mais representativa, com 53% do total, seguido da LILACS (15%), SciELO (14%) e JOS (12%). Os artigos identificados majoritariamente se situam nas áreas da saúde (terapia ocupacional) e humanas (ciências sociais).

O processo de triagem e seleção, tendo como critério a aderência do conteúdo ao objetivo da revisão de escopo, resultou em 21 artigos. Até este ponto, os artigos cobrem 11 países⁷ e cinco continentes⁸. A maior parte dos estudos selecionados abrange instituições de pesquisa situadas nas Américas (43%) e Europa (33%). Os EUA, Brasil e Reino Unido despontam com 19%, 14% e 14% do total, respectivamente. Ademais, 57% dos artigos foram publicados nos últimos quatro anos, evidenciando o caráter inovador do objeto de estudo.

Em seguida, a etapa de inclusão foi concluída com a leitura completa dos artigos selecionados, tendo como critério a presença de informações detalhadas o suficiente que permitissem identificar como os eixos foram articulados/conectados com a psicossociologia e ecologia social. Assim, 10 artigos foram excluídos do processo de revisão, restando 11 inclusos. Nesta fase, o Brasil passou a ter a maior quantidade de estudos remanescentes, com 27% do total. Instituições localizadas no Brasil, em conjunto com EUA e Reino Unido, representaram cerca de 64% dos estudos inclusos.

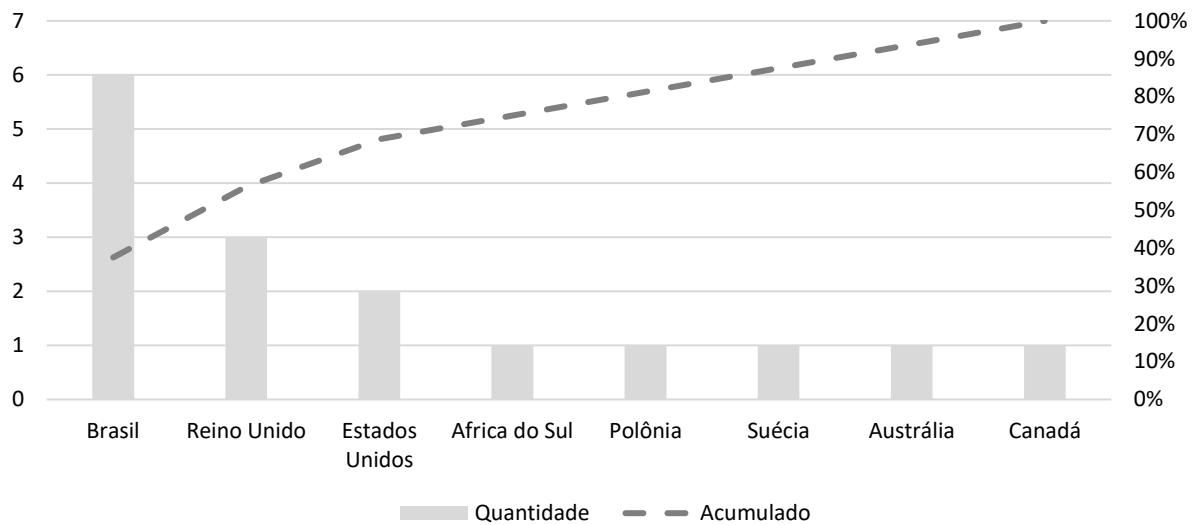
Todavia, diante do reduzido número de artigos inclusos para a leitura aprofundada do conteúdo, optou-se por empregar o método *snowballing* concomitantemente com a inclusão de estudos a partir de bases de indexação não listadas anteriormente, bem como oriundos da literatura cinza. Por conseguinte, identificou-se, a partir das referências bibliográficas contidas nos estudos inclusos e

⁷ Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Irã, Namíbia, Polônia, Reino Unido, Suécia.

⁸ América, África, Europa, Ásia e Oceania.

Por sua vez, a Figura 5 apresenta os resultados individuais e acumulado, no intuito de evidenciar a concentração de estudos por país.

Figura 5. Participação individual e acumulada por país incluso após a rodada final



Fonte: A autora, 2024.

Aprofundando a exposição da categorização, a Tabela 4 sumariza os resultados da revisão de escopo, categorizando os autores conforme os elementos de revisão listados na Tabela 1. O detalhamento completo da tabela de resumo dos trabalhos inclusos, após todas as etapas de varredura, está disponível no Apêndice B.

Método	Base de dados	Área	País	Idioma	Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Revista	Termo utilizado	Origem disciplinar
Revisão de escopo	DOAJ	Terapia Ocupacional	Brasil	Português	Arrais et al	2023	Qualitativa - história oral temática	Lugar do feminismo é no cotidiano: participação nos movimentos feministas e ocupações de mulheres jovens militantes	Revista Ocupacion Humana	Envolvimento ocupacional	Terapia Ocupacional
	DOAJ	Medicina	Reino Unido	Inglês	Bjørkedal et al	2023	Ensaio clínico randomizado	Meaningful Activities and Recovery (MA&R): a co-led peer occupational therapy intervention for people with psychiatric disabilities. Results from a randomized controlled trial	BMC Psychiatry	Engajamento ocupacional	Psiquiatria
	DOAJ	Terapia Ocupacional	Estados Unidos	Inglês	Eschenfelder e Gavalas	2017	Qualitativa - Revisão de escopo	Joint Attention and Occupations for Children and Families Living with Autism Spectrum Disorder: A Scoping Review	The Open Journal of Occupational Therapy	Engajamento ocupacional	Terapia Ocupacional
	DOAJ	Terapia Ocupacional	Brasil	Inglês	Da Cruz e Davis	2023	Qualitativa - revisão bibliográfica	Occupational engagement: some assumptions to inform occupational therapy	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Engajamento ocupacional	Terapia Ocupacional
	DOAJ	Terapia Ocupacional	Estados Unidos	Inglês	Shea, Jackson e Haworth	2019	Qualitativa - pesquisa exploratória com entrevistas semiestruturadas	Serving High-Risk Youth in Context: Perspectives from Hong Kong	The Open Journal of Occupational Therapy	Engajamento ocupacional	Terapia Ocupacional
	DOAJ	Ciências da Saúde	Austrália	Inglês	Makhata, Naidoo e Gurayah	2021	Qualitativo - pesquisa exploratória	Occupational choices of school-going adolescents: a study in the Pitseng Area, Leribe District, Lesotho	Rural and Remote Health	Engajamento ocupacional	Terapia Ocupacional
	JOS	Ciências Sociais	Suécia	Inglês	Turtiainen, Morville e Jansson	2024	Revisão de escopo	Experiences of long-term unemployment from an occupational perspective: A scoping review	Journal of Occupational Science	Engajamento ocupacional	Terapia Ocupacional
	JOS	Ciências Sociais	Reino Unido	Inglês	Morris & Cox	2017	Revisão de literatura	Developing a descriptive framework for "occupational engagement"	Journal of Occupational Science	Engajamento Ocupacional	Terapia Ocupacional
	JOS	Ciências Sociais	Brasil	Inglês	Correia, Rebellato e Vieira	2024	Pesquisa exploratória	Envolvimento ocupacional de homens gays idosos	Journal of Occupational Science	Envolvimento ocupacional	Terapia Ocupacional

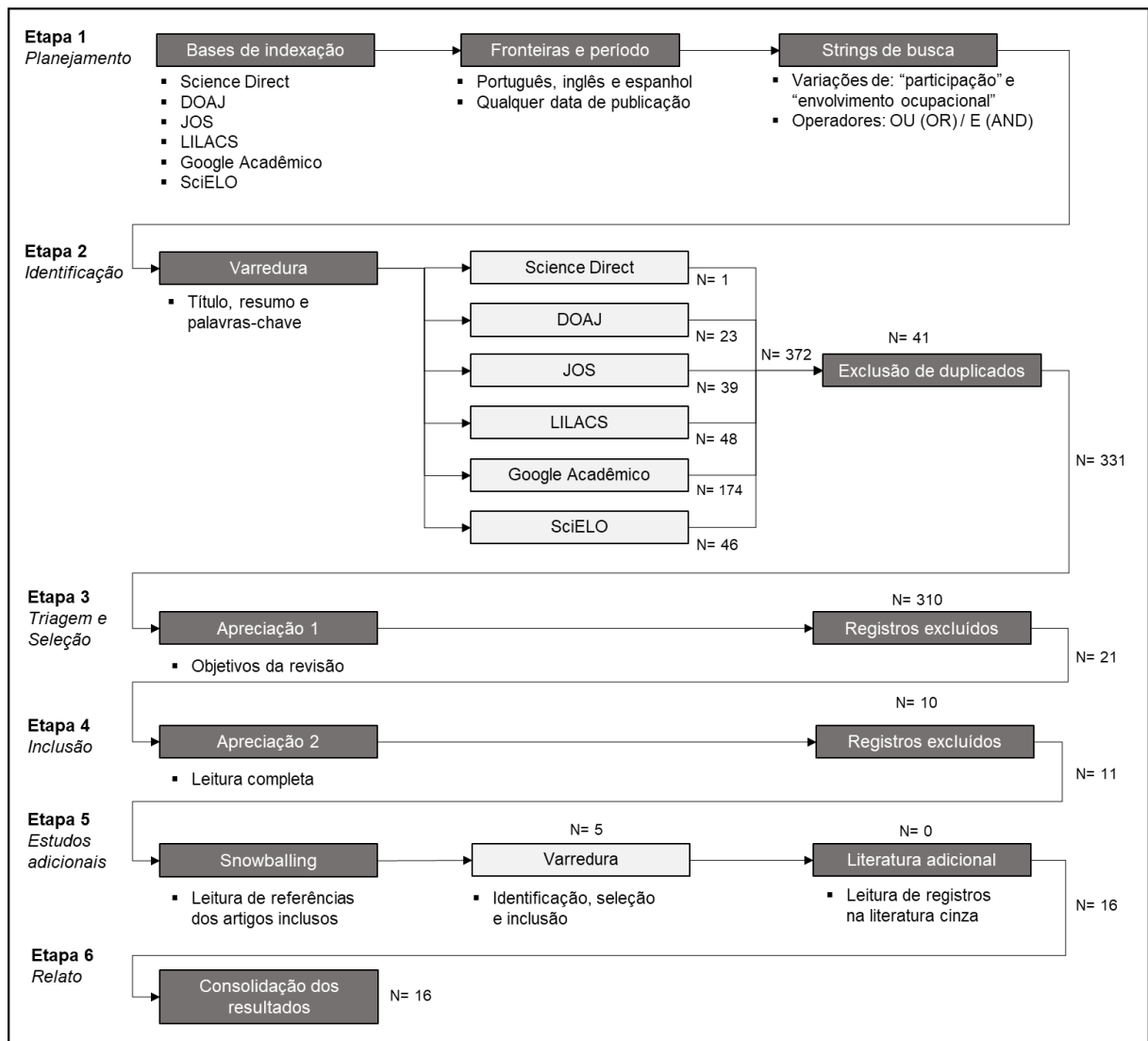
Método	Base de dados	Área	País	Idioma	Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Revista	Termo utilizado	Origem disciplinar
	JOS	Ciências Sociais	Polônia	Inglês	Mikołajczyk-Lerman e Potoczna	2019	Pesquisa exploratória - entrevistas	Enhancing Autonomy through the Occupational Engagement of Adults with Intellectual Disabilities: Supported Employment Model Applied by the Polish Association for Persons with Intellectual Disabilities (Branch in Zgierz)	Journal of Occupational Science	Engajamento ocupacional	Sociologia
	JOS	Ciências Sociais	África do Sul	Inglês	Louw e Van Niekerk	2023	Estudo de Caso - observação participante	An occupational perspective on the interplay between adolescents' spirituality and occupational engagement	Journal of Occupational Science	Engajamento ocupacional	Terapia Ocupacional
Snowballing		Terapia Ocupacional	Canadá	Inglês	Law et.al	1996	Revisão de literatura	The person-environment-occupation model: A transactive approach to occupational performance.	Canadian Journal of Occupational Therapy	Desempenho ocupacional	Terapia Ocupacional
		Terapia Ocupacional	Brasil	Português	Correia et al.	2020	Ensaio teórico	Velhices dissidentes de gêneros e sexualidades: ocupações coletivas frente a pandemia Covid-19	Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional	Envolvimento ocupacional	Terapia Ocupacional
		Terapia Ocupacional	Reino Unido	Inglês	Park, Murphy e Da Cruz	2023	Análise temática	Occupational participation and engagement of woman experiencing premenstrual syndrome: A qualitative study	British Journal of Occupational Therapy	Engajamento ocupacional	Terapia Ocupacional
		Ciências Sociais	Brasil	Português	Correia	2021a	Revisão de literatura	Envolvimento ocupacional, analfabetismo urbanístico e interdisciplinaridade. A terapia ocupacional para as cidades pelas ideias da Erminia Maricato	Revista Políticas e Públicas e Cidades	Envolvimento ocupacional	Urbanismo e planejamento urbano
		Ciências da Saúde	Brasil	Português	Correia	2021b	Revisão de literatura	O Direito à Cidade e o envolvimento ocupacional	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia	Envolvimento ocupacional	Urbanismo e planejamento urbano

Tabela 4. Quadro resumo dos trabalhos inclusos na Revisão de Escopo

Fonte: A autora, 2024.

Por fim, a Figura 6 resume os resultados das etapas adotadas na revisão de escopo, com os respectivos quantitativos de artigos identificados, selecionados, incluídos, duplicados e adicionados (*snowballing* e literatura cinza). As etapas seguiram o método exposto na Seção 3 (Desenho Metodológico).

Figura 6. Fluxo lógico de condução da revisão de escopo



Fonte: A autora, 2024.

3.2 Descrição dos achados

A partir da metodologia empregada, foram inclusos 16 estudos, publicados entre 1996 e 2024, sendo que 15 deles foram produzidos entre 2017 e 2024. Apenas um estudo data da década de 1990, incluído por meio do método de *snowballing*. Nesta sessão, os artigos serão caracterizados, enquanto a discussão aprofundada será realizada na sessão seguinte. As categorias emergentes serão destacadas tanto pela sua presença quanto pela sua ausência nos textos analisados.

Envolvimento ocupacional e engajamento ocupacional são termos que frequentemente aparecem na literatura da Terapia Ocupacional e da Ciência Ocupacional. Embora sejam ocasionalmente adotados de forma intercambiável, a revisão conduzida revela elementos que distinguem um do outro, bem como pontos de convergência.

O envolvimento ocupacional é um conceito oriundo da área de Terapia Ocupacional, fundamentado pelo campo epistêmico dos Estudos da Ocupação Humana (EOH). O conceito se originou a partir de diferentes teorias e modelos na disciplina de Terapia Ocupacional desde a década de 1960 nos EUA, tendo sido desenvolvido pela terapeuta ocupacional Mary Reilly a partir de sua Teoria do Comportamento Ocupacional (Correia, 2021a).

Essas teorias e modelos trouxeram de volta, entre outras coisas, as bases filosóficas que fundamentam a Terapia Ocupacional e permitiram o desenvolvimento de um campo epistêmico e interdisciplinar denominado Estudos da Ocupação Humana (EOH). Os EOH têm se destacado como um campo epistêmico que reúne diversas abordagens teóricas e metodológicas acerca da ocupação humana enquanto uma experiência que se relaciona com a ação das pessoas em um determinado contexto e ambiente (Correia, 2021a).

De acordo com a abordagem dos EOH, a ocupação humana é um processo de fazer individual e coletivo que permite às pessoas se humanizarem por meio das relações estabelecidas com os ambientes e contextos, a socialização e seus aspectos simbólicos. Isso inclui a estruturação de redes de apoio social e a modificação desses ambientes para atender às necessidades materiais e simbólicas das pessoas, bem como as transformações no ambiente natural. Dessa forma, os EOH enfocam o

envolvimento ocupacional como objeto de estudo, concentrando-se em analisar, compreender e intervir nas diversas realidades em que as pessoas constroem suas vidas por meio de suas ocupações e na forma como elas dão sentido à sua existência.

Correia (2021a) define o envolvimento ocupacional como uma experiência individual e coletiva que diz respeito aos modos de realização e a participação das atividades da vida cotidiana, considerando a relação indissociável entre o sujeito e o seu ambiente. O envolvimento ocupacional diz respeito, então, à medida em que os indivíduos participam e se engajam em suas ocupações diárias, bem como à importância que essas atividades têm em suas vidas.

Segundo o mesmo autor, o envolvimento ocupacional é o agir das pessoas em seu ambiente, estruturando a vida cotidiana e promovendo a participação social. Sua manifestação se dá a partir da realização e da experiência do sujeito ao participar das ocupações da vida cotidiana. Essas ocupações incluem as formas de autocuidado, trabalho, estudo, mobilidade, lazer, entre outras que estruturam e dinamizam o dia a dia das pessoas. Ao longo da vida, as pessoas se envolvem em ocupações que as ajudam a se constituírem como seres humanos e a participarem socialmente. Essas ocupações são impregnadas de significados socioculturais compartilhados com a comunidade e dialogam com valores globais, incluindo sistemas políticos e econômicos (Correia, 2021b).

Law et al., (1996) destacam a importância do ambiente em que as atividades são realizadas para o envolvimento ocupacional. Segundo as autoras, o ambiente pode tanto facilitar quanto dificultar o desempenho ocupacional, dependendo da sua acessibilidade, segurança, conforto e oportunidades de participação.

Arrais et al., (2023), no artigo intitulado “lugar do feminismo é no cotidiano”: participação nos movimentos feministas e ocupações de mulheres jovens militantes”, destacam que o envolvimento ocupacional é explicado como uma experiência conflitiva entre o eu individual e o coletivo, onde as micro e macro questões contextuais, que compreendem a realização da vida (das necessidades aos desejos), as performances de atividades que são tecidas na cultura e nas relações sociais, influenciam, determinam, limitam, ou potencializam as ocupações na vida cotidiana. Corroborando com essa ideia, Correia (2020) destaca que:

[...] o individual e o coletivo, são dimensões indissociadas das ocupações, pois todo sujeito individual é um sujeito social, portanto, se os sujeitos sociais existem pelo engajamento e da significação de suas ocupações, toda ocupação é um fenômeno humano-social. (p. 469)

Dessa forma, o envolvimento ocupacional é uma experiência que não pode ser separada das dimensões individuais e coletivas. Parafraseando Gontijo e Santiago (2020), “é a partir do envolvimento ocupacional significativo que o sujeito modifica a si mesmo e percebe-se construtor do cotidiano” (Arrais et al., 2023, p. 58).

Por outro lado, Cruz (2023), no artigo “*Occupational engagement: some assumptions to inform occupational therapy*” utiliza o termo ‘engajamento ocupacional’ para definir uma forma de envolvimento no fazer que não requer desempenho e coloca em primeiro plano as experiências subjetivas-afetivas e cognitivas do fazer. O autor destaca que o engajamento ocupacional envolve percepções e vivências pessoais, algumas das quais podem ser observadas, mas, fundamentalmente, está centrado na compreensão da experiência através do fazer e do significado.

[...] o engajamento está fortemente relacionado ao significado. No entanto, o significado pode estar associado a propósito, escolhas, interesses e valores relatados consistentemente por alguém em um sentido amplo; em contraste, o envolvimento é mais específico (momento a momento), variável, dinâmico e nunca exatamente o mesmo. Com o tempo, o significado pode mudar. (CRUZ, 2023 p. 12. (Tradução nossa).

Nesse sentido, Park, Murphy e Da Cruz (2023), no artigo “*Occupational participation and engagement of woman experiencing premenstrual syndrome: A qualitative study*” descrevem o engajamento ocupacional como a participação e envolvimento em ocupações significativas e importantes para o indivíduo. Este conceito é explorado no contexto de uma pesquisa sobre como os sintomas da síndrome pré-menstrual (PMS) podem afetar a motivação e o interesse das mulheres em participar de suas ocupações diárias, resultando em distúrbios ocupacionais, desengajamento social e a importância da autoconsciência para se engajar em ocupações.

Infere-se, portanto, que o engajamento ocupacional está intimamente ligado ao bem-estar, visto que a participação em atividades significativas é fundamental para a

manutenção da saúde mental e física. Quando mulheres enfrentam desafios como os da PMS, a capacidade de se engajar em atividades diárias pode ser severamente comprometida, impactando seu bem-estar geral.

Em um estudo feito no Reino Unido, encontramos um texto sobre a avaliação da eficácia de uma intervenção em Terapia Ocupacional conduzida por pares e uma intervenção chamada Atividades Significativas e Recuperação (MA&R) criada para melhorar o engajamento em atividades, recuperação pessoal, funcionamento e qualidade de vida em indivíduos com doença mental grave.

Este estudo de Bjørkedal (et al, 2023), um ensaio clínico randomizado, intitulado “*Meaningful Activities and Recovery (MA&R): a co-led peer occupational therapy intervention for people with psychiatric disabilities. Results from a randomized controlled trial*”, a participação refere-se à capacidade e envolvimento das pessoas com transtornos psiquiátricos em atividades diárias significativas. A avaliação da intervenção MA&R está centrada na melhoria do envolvimento em atividades, qualidade de vida e recuperação pessoal desses indivíduos. Tanto o engajamento ocupacional quanto a participação estão ligados ao processo de recuperação em saúde mental, destacando a importância do envolvimento em atividades terapêuticas e significativas para promover a melhoria do funcionamento e bem-estar dos indivíduos.

No entanto, a intervenção MA&R, que se concentrou no engajamento em atividades significativas, funcionamento, qualidade de vida e recuperação pessoal, porém, não mostrou diferenças significativas em comparação com o grupo que recebeu apenas o cuidado padrão. Isso indica que, embora a intervenção tenha sido projetada para ter um impacto positivo, seus resultados não diferiram significativamente dos cuidados tradicionais em termos dos objetivos medidos.

De forma semelhante, no artigo “*Enhancing Autonomy through the Occupational Engagement of Adults with Intellectual Disabilities: Supported Employment Model Applied by the Polish Association for Persons with Intellectual Disabilities (Branch in Zgierz)*” Mikołajczyk-Lerman e Potoczna (2019), analisam a eficácia de um modelo de emprego apoiado na promoção da autonomia e inclusão de pessoas com deficiência intelectual no mercado de trabalho, especificamente no contexto do Centro DZWONI da Associação Polonesa para Pessoas com Deficiência

Intelectual (PSONI). Neste sentido, o conceito de engajamento ocupacional é central nesse modelo, referindo-se à participação ativa e contínua dos beneficiários no mercado de trabalho, facilitada por um processo multietapas que inclui a criação de um Plano de Ação Individual (IAP). Este plano é desenvolvido por uma equipe de especialistas em cooperação com o beneficiário, objetivando a empregabilidade e a manutenção sustentável do emprego, promovendo assim a participação social e a autoestima das pessoas com deficiência intelectual.

Eschenfelder e Gavalas (2017), em um outro estudo chamado *“Joint Attention and Occupations for Children and Families Living with Autism Spectrum Disorder: A Scoping Review”* que trata da importância das habilidades de atenção conjunta (JA) em crianças com transtorno do espectro autista (TEA) e como estratégias de ensino podem melhorar a interação social e o engajamento em ocupações, definiram o engajamento ocupacional como o envolvimento físico, emocional e intencional em ocupações, incluindo rotinas de atividades da vida diária, preparação para o sono, educação, brincadeiras e participação social. Em outras palavras, o engajamento ocupacional pressupõe uma participação ativa e intencional em atividades que são significativas para os sujeitos, promovendo seu desenvolvimento e bem-estar.

O estudo destaca a importância de promover a participação social e ocupacional dessas crianças por meio de estratégias de ensino de atenção conjunta e intervenções baseadas em ocupações. A ligação entre participação e engajamento ocupacional está implícita na ideia de que o desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação, por meio das estratégias de ensino de JA, pode impactar a participação das crianças em diversas ocupações ao longo do seu desenvolvimento. Os resultados sugerem que o ensino de estratégias de atenção conjunta (JA) pode ter benefícios para a comunicação, reciprocidade e engajamento em interações sociais para crianças com TEA.

No artigo *“An occupational perspective on the interplay between adolescents’ spirituality and occupational engagement”* Louw e Van Niekerk (2023) apresentam uma visão sobre o potencial transformador da espiritualidade em uma perspectiva da ocupação, conforme vivenciada por cinco adolescentes namibianos. Os pesquisadores buscaram preencher uma lacuna de pesquisa questionando de que maneira a experiência espiritual dos adolescentes namibianos se reflete em seu engajamento em ocupações criativas. O estudo investigou como esses jovens

percebiam a interação entre sua espiritualidade e seu engajamento em atividades ocupacionais. Os resultados indicaram que “a espiritualidade estava ligada à orientação para o futuro nas escolhas ocupacionais dos adolescentes” (Louw e Van Niekerk, 2023, p. 5). E que, “engajar-se espiritualmente em ocupações criativas permitia aos participantes descobrirem sua beleza, valor, importância e identidade” (p. 8).

Neste artigo, utiliza-se o termo “engajamento ocupacional” sem diferenciar entre engajamento, desempenho e participação, embora a possibilidade de tal distinção seja reconhecida. Para os autores, a espiritualidade pode estar associada à qualidade e significado na vida. De acordo com os autores e numa literatura baseada em ocupação, a espiritualidade seria uma “experiência profunda de significado proporcionada pelo engajamento em ocupações que envolvem a realização de valores e crenças pessoais, reflexão e intenção dentro de um ambiente contextual de apoio” (Louw e Van Niekerk, 2023, p. 2). Ademais,

[...] o vínculo percebido entre espiritualidade e ocupação apresentou-se como um processo co-construtivo e iterativo, com espiritualidade e ocupação interdependentemente entrelaçadas no ser, fazer, pertencer e tornar-se cotidianos. (Louw e Van Niekerk, 2023, p.10. Tradução nossa)

A esta altura, os estudos evidenciam uma correlação entre o envolvimento ocupacional e o contexto social e ambiental em que as atividades são realizadas. Observa-se que o envolvimento ocupacional, definido como a participação e a experiência dos indivíduos em suas ocupações diárias, é influenciado por fatores contextuais e ambientais. Por exemplo, o ambiente físico e social pode facilitar ou dificultar o envolvimento ocupacional, dependendo de sua acessibilidade, segurança e oportunidades de participação (Law et al., 1996).

O engajamento ocupacional, embora relacionado ao envolvimento ocupacional, coloca maior ênfase nas experiências subjetivas e afetivas do fazer. O engajamento ocupacional envolve percepções e vivências pessoais, destacando a importância das experiências subjetivas no contexto das ocupações significativas (Cruz, Taff e Davis 2023)

Este conceito é particularmente relevante quando se consideram as barreiras que podem afetar a capacidade das pessoas de se engajarem em suas atividades

diárias, como os sintomas da síndrome pré-menstrual (Park, Murphy e Da Cruz, 2023) ou os desafios enfrentados por indivíduos com doença mental grave (Bjørkedal et al., 2023).

Em uma pesquisa intitulada “*Serving High-Risk Young High-Risk Youth in Context: Pouth in Context: Perspectives from Hong Kong*” que discute os desafios enfrentados por jovens de alto risco de vulnerabilidade em Hong Kong, incluindo questões como uso de drogas, falta de engajamento acadêmico, práticas sexuais inseguras e ocupações insalubres, Shea, Jackson e Haworth (2019), colocam que o engajamento ocupacional pode contribuir para mitigar esses desafios por meio de intervenções ecológicas que promovem a participação em atividades significativas e saudáveis. Essas atividades podem incluir tarefas domésticas, preparação de refeições, manutenção de instalações, esportes em grupo e aulas educacionais, todas projetadas para ajudar os jovens a adquirirem e praticarem habilidades de vida diária em um contexto que valoriza a relação com a natureza e promove um crescimento pessoal.

Para os autores, o engajamento ocupacional se refere ao suporte à saúde e participação na vida de um indivíduo por meio do envolvimento em ocupações. A participação em ocupações significativas tem sido encontrada para melhorar a saúde e o bem-estar e instigar um senso de autonomia e autoestima em jovens de centros urbanos e em situação de baixa renda.

Makhata, Naidoo e Gurayah (2021) conduziram um estudo exploratório chamado “*Occupational choices of school-going adolescents: a study in the Pitseng Area, Leribe District, Lesotho*” sobre as ocupações dos adolescentes escolares de Pitseng, uma comunidade rural em um pequeno país africano, com o objetivo de obter informações sobre o comportamento dos adolescentes e desenvolver estratégias para programas sustentáveis de promoção da saúde para essa população.

O estudo destacou a importância do engajamento ocupacional, enfatizando que os adolescentes precisam de oportunidades para se engajar em ocupações e devem possuir a aptidão e a agência necessárias para escolher as ocupações que desejam ou precisam realizar. Ocupações são definidas como atividades cotidianas que as pessoas escolhem realizar individualmente ou em grupos, trazendo significado e propósito para suas vidas, podendo ser escolhidas ou impostas.

O estudo também abordou como o contexto rural empobrecido influencia negativamente o engajamento e a escolha de ocupações dos adolescentes, ressaltando a importância do engajamento ocupacional para o desenvolvimento físico, psicológico, social e espiritual dos sujeitos.

Nessa linha, Law et al., (1996) enfatizam que tarefas que uma pessoa deseja alcançar são significativamente influenciadas pelo contexto em que a tarefa é realizada, incluindo características temporais como idade, estágio de desenvolvimento, estado de saúde, tempo e ambiente físico, social e cultural.

Segundo Turtiainen, Morville e Jansson (2024), na pesquisa de revisão de escopo intitulada “*Experiences of long-term unemployment from an occupational perspective: A scoping review*”, o engajamento ocupacional é um processo que não pode ser imposto, mas emerge quando as pessoas se envolvem em atividades que têm valor pessoal positivo e consequências percebidas como positivas.

Morris e Cox (2017) ao explorar conceito de engajamento ocupacional na literatura da Ciência Ocupacional argumentam que o bem-estar positivo está intrinsecamente ligado à participação em ocupações que proporcionam satisfação pessoal e benefícios percebidos. Para os autores o engajamento ocupacional é:

“um conceito complexo, subjetivo e multifacetado, que precisa ser investigado com cuidado para ser plenamente compreendido. O engajamento ocupacional não pode ser imposto a alguém, como pode ser a participação. Parece que é a experiência de se envolver em uma ocupação que a torna uma experiência positiva para o indivíduo. Devido à sua complexidade, o engajamento ocupacional não pode ser investigado isoladamente e precisa ser considerado juntamente com conceitos relacionados, como a atenção, utilizando uma abordagem holística” (Morris; Cox, 2017, p. 162. Tradução nossa).

Dessa forma, a literatura parece indicar, mesmo com as devidas imprecisões conceituais, que o engajamento ocupacional enquanto uma experiência positiva e não dependente do desempenho de atividades, está mais relacionada ao processo e objetivo de cuidado em terapia ocupacional. Entende-se que a terapia ocupacional, enquanto profissão, busca atingir, como primeiro plano, o engajamento de indivíduos e coletivos em ocupações que sejam valoradas pelo sujeito e sua comunidade, e que perseverem mudanças em sua realidade, como o estado social, clínico e/ou cultural.

Já o envolvimento ocupacional, como defendido por Correia, Rebellato e Vieira (2024) se refere as experiências que se estabelecem, criam formas a partir das relações entre pessoas e ambientes de maneira indissociável. O envolvimento ocupacional, segundo os autores, não necessariamente é intencional e consciente, e não está completamente no plano das escolhas.

Por isso, trata-se de um conceito que expressa a imanência das ocupações na vida cotidiana e nos processos de socialidade na construção dos humanos, dos espaços – da realidade. O envolvimento ocupacional, neste sentido, exige lentes mais compreensivas e complexas sobre a sua estrutura, formas e dinâmicas, e poderia situar-se como uma dimensão mais ampla do que o engajamento ocupacional.

De todo modo, compreende-se que os conceitos de envolvimento e engajamento ocupacional enfatizam a importância das ocupações significativas para a vida dos indivíduos. Seja através da relação ativa (envolvimento) ou das experiências afetivas e cognitivas (engajamento), a centralidade das atividades é um ponto de convergência.

Tanto o envolvimento quanto o engajamento ocupacional estão ligados à construção da vida cotidiana a partir das relações entre sujeito e ambiente, e buscam, em alguma medida o bem-estar, a experiência e à saúde dos indivíduos. A participação em atividades significativas contribui para o desenvolvimento pessoal, autonomia e autoestima, além de promover saúde, bem-estar e justiça social. Ademais, ambos os conceitos reconhecem a importância do ambiente na facilitação ou impedimento da participação nas atividades.

Neste contexto, a Figura 7 apresenta uma nuvem de palavras que destaca os principais termos relacionados ao envolvimento e engajamento ocupacional encontrados na literatura revisada. Essa figura ilustra visualmente a frequência e a importância desses termos, ajudando a compreender melhor as inter-relações entre os conceitos discutidos. Além da análise da pesquisadora, foi empregado o software ATLAS.ti para o auxílio da categorização e verificação de outros termos que, porventura, também pudessem ser inseridos (Apêndice C).

A partir dessa análise visual, observa-se que termos como “ocupação”, “experiência”, “atividades”, “significado”, “trabalho”, “participação”, “desempenho”

Categoria 1: Interação entre sujeito e ambiente

Esta categoria emergiu a partir de artigos da revisão de escopo que sublinham a relevância das interações entre indivíduos e seus ambientes, considerando fatores como contextos sociais e culturais, e as dinâmicas urbanas e comunitárias (Correia, Rebellato e Vieira 2024; Correia, 2021a; Makhata, Naidoo e Gurayah 2021; Eschenfelder e Gavalas, 2017, Cruz, Taff e Davis 2023; Louw e van Niekerk 2023; Mikołajczyk-Lerman e Potoczna 2019).

O envolvimento ocupacional, conforme descrito por Correia (2021a) é influenciado pela interação entre o indivíduo e seu ambiente. A interação entre sujeito e ambiente é um processo complexo e indissociável que abrange tanto a objetividade quanto a subjetividade, integrando aspectos conscientes, inconscientes e ecológicos. Esse processo se caracteriza como uma via de mão dupla, onde sujeito e ambiente se constroem e se modificam mutuamente, influenciando e transformando o tecido social das cidades (Correia, Rebellato e Vieira, 2024).

Law et al., (1996), enfatizaram a natureza transacional dessa relação, onde o desempenho ocupacional surge da interação dinâmica entre o indivíduo (suas habilidades, experiências e preferências), o ambiente (físico, social, cultural) e as ocupações realizadas. Nesse sentido, o ambiente não é apenas um contexto, mas também um agente ativo que pode facilitar ou restringir as ocupações.

Na Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, a interação entre sujeito e ambiente é vista sob uma ótica ampla. Enriquez (2009) e Maisonneuve (1977) argumentam que o ambiente deve ser compreendido em sua complexidade, incluindo dimensões sociais, culturais e políticas que moldam as experiências dos indivíduos e grupos. A Psicossociologia Francesa, em particular, ressalta a importância de entender o ambiente não apenas como um espaço físico, mas como um campo de forças sociais e psíquicas que influenciam as condutas humanas. Costa e Silva (2015) ampliam essa perspectiva, discutindo como os sentidos de comunidade e os vínculos sociais emergem e se transformam através das interações com o ambiente, evidenciando a fluidez e a complexidade dessas relações.

Ao integrar essas duas perspectivas, percebe-se que o ambiente exerce uma influência recíproca e contínua sobre o sujeito, moldando e sendo moldado por ele.

Enquanto a lente do envolvimento ocupacional se concentra mais no impacto do ambiente sobre o desempenho e a participação, a Psicossociologia adiciona uma camada de análise que considera o ambiente como um construto social, onde as relações de poder, as memórias coletivas e as práticas culturais desempenham papéis importantes na formação das identidades e das ações dos sujeitos.

Essa integração permite uma compreensão mais robusta da interação sujeito-ambiente, especialmente em contextos em que as realidades sociais são complexas e multifacetadas, como nos estudos realizados no campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, particularmente no contexto latino-americano. Em consonância com essa perspectiva, Camargo et al., (2021) apontam que, ao considerar as especificidades locais e as experiências vividas, é possível desenvolver intervenções mais sensíveis às dinâmicas sociais, culturais e ambientais.

Correia, Rebellato e Vieira (2024) exploram como o ambiente social e cultural, influenciado por normas heterocisnormativas, impacta o envolvimento ocupacional dos homens gays idosos. O ambiente urbano e os espaços sociais são discutidos como elementos que moldam a mobilidade, a socialização e a expressão da sexualidade desses indivíduos. A interação entre sujeito e ambiente é claramente destacada na forma como os participantes navegam entre a aceitação e a marginalização em diferentes contextos sociais. Da mesma forma, Shea, Jackson e Haworth (2019) abordam a interação entre jovens em situação de vulnerabilidade e seus ambientes, destacando a importância do contexto físico, social e cultural na modelagem das experiências desses jovens.

Ademais, Cruz, Taff e Davis (2023), discutem como o engajamento ocupacional é influenciado pelas interações do sujeito com seu ambiente. Os autores exploram como fatores contextuais (socioeconômicos, culturais, políticos) moldam as ocupações humanas. Os autores consideram que o ambiente não é apenas um pano de fundo, mas um elemento ativo que interage com o sujeito e impacta suas ocupações e seu envolvimento.

De forma semelhante, Mikołajczyk-Lerman e Potoczna (2019) exploram como o modelo de emprego apoiado promove a autonomia de pessoas com deficiência intelectual, destacando a importância do ambiente de trabalho como um facilitador para a participação social. A interação entre o sujeito e o ambiente é destacada na

medida em que o ambiente de trabalho e o suporte recebido influenciam significativamente a capacidade dos indivíduos de se engajarem ocupacionalmente e se integrarem na comunidade.

Além disso, no artigo de Louw e van Niekerk (2023), a espiritualidade dos adolescentes é apresentada como algo que está intrinsecamente ligada ao seu engajamento ocupacional, influenciando como eles interagem com seus ambientes. Assim, a espiritualidade serve como um guia para a escolha e a forma como os adolescentes se envolvem em atividades, mostrando uma interação dinâmica entre o sujeito e o ambiente social e cultural em que eles estão inseridos.

Da mesma forma, Turtiainen, Morville e Jansson (2024), discutem como o desemprego de longa duração afeta a capacidade das pessoas de se engajarem em ocupações significativas. O cotidiano das pessoas desempregadas é moldado pelas restrições ambientais e sociais, como a falta de recursos financeiros. Essas circunstâncias limitam as oportunidades de participação em ocupações desejadas, enfatizando como o ambiente pode influenciar negativamente as ocupações dos indivíduos.

Ao analisar a relação entre envolvimento ocupacional e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, observa-se que ambos os campos compartilham uma preocupação com a interação entre sujeito e ambiente. Essa intersecção é particularmente relevante ao se considerar a Ecologia Social, a qual se estabelece como um campo que se fundamenta nos pressupostos da indissociabilidade entre sociedade e natureza (Irving, 2018).

No artigo “Psicossociologia desde América Latina” de Takeiti et al., a interação entre sujeito e ambiente é colocada a partir da análise das influências culturais e históricas que moldam as práticas comunitárias na América Latina. O texto destaca a necessidade de considerar as especificidades dos contextos locais na análise psicossociológica, enfatizando que o ambiente social e cultural desempenha um papel na formação da identidade e das práticas dos sujeitos

Ademais, no estudo de Eschenfelder e Gavalas (2017), os autores analisam como o ambiente e a interação social influenciam a participação e o engajamento ocupacional em crianças com Transtorno do Espectro Autista. A participação é entendida como a capacidade de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo se

envolverem em interações sociais significativas, ocupações de forma ativa e satisfatória.

De forma semelhante, Makhata, Naidoo e Gurayah (2021), exploram como fatores culturais e recursos ambientais empobrecidos afetam o engajamento ocupacional de adolescentes em contextos rurais, demonstrando a relevância do ambiente e das condições sociais na capacidade de se engajar em ocupações significativas. A Psicossociologia latino-americana, como observa Camargo et al. (2021), também se compromete com a compreensão das realidades locais e dos contextos socioculturais, reconhecendo a importância das perspectivas regionais.

Essas observações são corroboradas pela evolução das pesquisas em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional, que têm se diversificado além da perspectiva tradicional centrada exclusivamente na pessoa, adotando agora uma perspectiva que considera a pessoa dentro de seu contexto social e coletivo, como é o caso do transnacionalismo.

Por fim, Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social se debruça na importância do ambiente social e cultural na formação das identidades e práticas dos sujeitos. Conforme exposto por Casadore (2013), a psicossociologia considera tanto os fatores sociais quanto os subjetivos e simbólicos nas interações humanas. Essa perspectiva ressoa com a ideia de que o ambiente urbano e os espaços sociais influenciam diretamente as práticas e o engajamento ocupacional dos indivíduos, conforme observado nos artigos da revisão de escopo.

Categoria 2: Interdisciplinaridade

A partir dos artigos, infere-se que a interdisciplinaridade entre os Estudos da Ocupação Humana e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social é observada devido à complexidade dos objetos de estudo desses campos.

O conceito de envolvimento ocupacional/engajamento ocupacional, originalmente desenvolvido pela disciplina de Terapia Ocupacional, e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, com raízes na Psicologia Social, evoluíram e se complexificaram ao longo do tempo, integrando conhecimentos de

diversas disciplinas como, a Sociologia, Geografia, Antropologia. Essa perspectiva interdisciplinar foi sendo incorporada para a compreensão de questões complexas que não podem ser adequadamente exploradas por meio de uma única perspectiva disciplinar.

Esses campos, ao se debruçarem sobre as ocupações humanas, comunidades e suas interações, não podem ser adequadamente compreendidos dentro dos limites de uma única disciplina. Como Correia (2021a) pontua, a interdisciplinaridade é uma ação que transcende as fronteiras disciplinares para oferecer novas interpretações da realidade, essencial para intervenções eficazes em contextos sociais complexos. Este entendimento é reiterado pela perspectiva da Psicossociologia Francesa, que, desde suas origens, se configurou como uma “ciência charneira” (Maisonneuve, 1977), integrando conhecimentos de diferentes áreas, como a psicanálise, antropologia e sociologia, para uma análise mais completa das dinâmicas cotidianas das pessoas e grupos. Essa visão é sustentada no trabalho de autores como Carreiro (2001) e Jodelet (2018), que destacam a importância de uma visão integrada e não reducionista para captar a complexidade das interações sociais e culturais.

Ao analisarmos o envolvimento ocupacional, percebemos que ele não se limita apenas ao desempenho das atividades diárias, mas também como essas atividades são moldadas por contextos sociais e culturais, o que requer uma análise que transcende os limites da Terapia Ocupacional e da Ciência Ocupacional. Arrais et al., (2023), por exemplo, demonstram como a Terapia Ocupacional pode se beneficiar de correntes feministas para ampliar uma visão crítica sobre as ocupações humanas, integrando questões de justiça social e de gênero ao campo da saúde ocupacional. As autoras sugerem que essa interdisciplinaridade entre Terapia Ocupacional e os movimentos sociais feministas podem contribuir para a visibilidade e a transformação social, especialmente no que diz respeito à justiça social e ocupacional. Portanto, trazem uma perspectiva interdisciplinar em seus estudos, na medida em que integram conceitos e práticas de diferentes áreas do conhecimento, como no caso da Terapia Ocupacional e o feminismo, para abordar questões relacionadas ao ativismo e à identidade das mulheres em movimentos feministas. Da mesma forma, a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, ao examinar as interações entre os sujeitos e suas comunidades, também se beneficia de uma abordagem que considera múltiplas dimensões sociais e culturais (Irving, 2018; Campos, 2018).

Correia (2021a) no artigo “Envolvimento ocupacional, analfabetismo urbanístico e interdisciplinaridade. A Terapia Ocupacional para as cidades pelas ideias da Erminia Maricato” discute o envolvimento ocupacional, a interdisciplinaridade e o analfabetismo urbanístico, destacando como a Terapia Ocupacional pode ser aplicada às cidades a partir das ideias da arquiteta Ermínia Maricato e como essa disciplina pode integrar os Estudos Urbanos e o Planejamento Urbano e Regional.

A interdisciplinaridade também se reflete na análise das trajetórias ocupacionais de grupos específicos. Correia, Rebellato e Vieira (2024) apresentam um estudo que integra conceitos de Terapia Ocupacional, gerontologia, estudos de gênero e sexualidade para analisar as trajetórias ocupacionais de homens gays idosos, abrangendo aspectos ocupacionais, sociais, culturais e psicológicos.

Outro exemplo é o estudo de Eschenfelder e Gavalas (2017), que oferece uma perspectiva interdisciplinar ao integrar conceitos de Terapia Ocupacional, Psicologia, Educação e música para abordar as necessidades de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tal estudo evidencia a importância de intervenções que vão além do ambiente clínico e incluem o contexto natural das crianças, exigindo a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento.

A Ciência Ocupacional, atualmente, está institucionalmente dissociada da Terapia Ocupacional, refletindo a necessidade de uma abordagem mais abrangente e interdisciplinar. A reabilitação, por exemplo, não deve ser vista apenas como uma técnica de tratamento, mas como um fenômeno de cuidado que interessa tanto à ocupação humana quanto à Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. A própria correlação entre os campos do envolvimento ocupacional e da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social constitui uma ação interdisciplinar, tanto teórica quanto metodologicamente, devido à complexidade dos objetos de pesquisa desses campos.

Carreteiro (2001), sugere que a psicossociologia demanda uma abordagem interdisciplinar para a compreensão dos fenômenos sociais, promovendo a integração e o diálogo entre diferentes áreas do saber. A interdisciplinaridade não é apenas uma característica teórica, mas também uma prática metodológica que diferencia a Psicossociologia de outros campos.

Complementarmente, Vasconcellos (2016), argumenta que a Psicossociologia transpõe a abordagem disciplinar tanto da Psicologia quanto da Sociologia, uma vez que as situações cotidianas e/ou fenômenos sociais constituem pontos de partida fundamentais para sua configuração. A pluralidade de enfoques teóricos e de alternativas metodológicas na Psicossociologia, citando Barus-Michel et al. (2005), reflete uma perspectiva interdisciplinar de análise, onde há uma singularidade de abordagem, considerando os temas, as preocupações teóricas, os métodos e os objetivos que permeiam esse campo.

Categoria 3: Participação

Durante a caracterização dos artigos, observou-se que a participação emerge como um conceito central, apesar de nem todos os artigos se aprofundarem explicitamente nesse termo. No entanto, a participação, juntamente com outros termos chave, tais como atividade, fazer, desempenho e experiência são necessários para compreender o envolvimento ocupacional/engajamento ocupacional.

A participação é um conceito complexo e polissêmico, frequentemente relacionado ao reconhecimento coletivo e à validação social, aspectos que são considerados tanto para os EOH quanto para o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. A participação depende de ações concretas e é influenciada por fatores como, motivação, experiência e sentido, que são moldados pelo ambiente e pelas interações sociais.

Eschenfelder e Gavalas (2017), destacam a importância da participação em atividades para promover a autonomia e a integração social, especialmente em contextos que envolvem necessidades especiais, como no caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista. O artigo trata diretamente da participação ao discutir como a melhora nas habilidades de atenção conjunta pode aumentar a participação das crianças em atividades ocupacionais. A participação, nesse sentido, pode ser vista como uma forma de desenvolver a autonomia das crianças e reduzir a dependência parental, impactando diretamente no bem-estar familiar.

Em outro estudo, Park, Murphy e Da Cruz (2023), destacam como a síndrome pré-menstrual – SPM interfere na capacidade das mulheres de participar plenamente

em suas ocupações diárias, como trabalho, autocuidado e lazer. O estudo revela que a SPM frequentemente leva a um desengajamento ocupacional, onde as mulheres tendem a evitar atividades devido ao desconforto físico e emocional, prejudicando assim a participação plena em suas rotinas e interações sociais.

O artigo de Correia, Rebellato e Vieira (2024) sublinha como a participação em redes de apoio, atividades físicas e sociais, e a resistência política são formas de afirmação da identidade e da resistência contra as opressões. A participação é, portanto, um meio de enfrentamento do estigma e da discriminação, permitindo que os sujeitos mantenham um senso de pertencimento e propósito, aspectos discutidos tanto na Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social quanto nos EOH.

A participação também é explorada no artigo de Turtiainen, Morville e Jansson (2024), que analisa como o desemprego de longa duração impacta negativamente a participação em ocupações significativas. O artigo destaca que as pessoas desempregadas muitas vezes são obrigadas a participar de atividades impostas, como busca de emprego, em vez de se envolverem em ocupações que escolhem ou consideram significativas.

Louw e van Niekerk (2023) fizeram uma pesquisa que aborda como a espiritualidade é um fato que motiva e guia a participação de jovens, pois está profundamente entrelaçada com seus valores, crenças e a percepção de propósito na vida. O artigo detalha como os adolescentes escolhem e se engajam em ocupações que refletem seus valores e crenças, mostrando uma forte ligação entre espiritualidade e participação.

De forma semelhante, Makhata, Naidoo e Gurayah (2021), exploram como os jovens participam em ocupações diárias, atividades de lazer e responsabilidades domésticas, e como essas atividades são moldadas pelo cenário cultural e pelos recursos disponíveis. A participação é analisada tanto no contexto das expectativas sociais quanto na capacidade dos adolescentes de improvisar e criar alternativas dentro de uma conjuntura limitada.

No campo da Psicossociologia, a participação é vista como um processo que vai além da simples inclusão em atividades, envolvendo um engajamento ativo na construção de conhecimento e transformação social. Camargo et al. (2021) enfatizam que a Psicossociologia de Comunidades deve ser “com comunidades” e não apenas

“de comunidades”, fortalecendo os encontros e as confluências entre indivíduos e coletivos e promovendo a participação ativa dos sujeitos na construção das realidades comunitárias.

No artigo “Lugar do feminismo é no cotidiano: participação nos movimentos feministas e ocupações de mulheres jovens militantes”, de Arrais et al., (2023), a participação é conceitualizada como um comprometimento que vai além de simplesmente apoiar ou concordar com as ideias feministas. É descrita como uma integração das mulheres nos movimentos, influenciando não apenas suas perspectivas e crenças, mas também suas práticas diárias, escolhas, relações sociais e ocupações cotidianas. Essa relação entre participação feminista e ocupações cotidianas é entendida como uma forma de envolvimento ocupacional, onde as atividades e práticas relacionadas ao feminismo impactam nas escolhas, ações e perspectivas das mulheres.

O envolvimento nos movimentos feministas tem um significativo impacto na vida cotidiana das participantes. A participação no movimento feminista é percebida como construção na trajetória de vida, proporcionando uma compreensão de si mesma como ser político, promovendo um sentido de pertencimento coletivo e oferecendo apoio e união na luta por uma realidade social mais justa.

Vasconcellos (2016) sugere que a participação deve ser entendida como uma prática que é simultaneamente individual e coletiva, moldada pelas interações sociais e pelos contextos culturais em que ocorre. Jodelet (2018) complementa essa visão ao examinar como a participação em atividades comunitárias pode promover a integração social e o bem-estar psíquico, fortalecendo o tecido social e a coesão comunitária.

Ainda no contexto da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, a participação é um meio de resistência e transformação social, especialmente nas abordagens contra-hegemônicas que emergem na América Latina. Camargo et al. (2021) discutem a importância de ressignificar as práticas de participação à luz das realidades locais e das epistemologias contra-hegemônicas, destacando a necessidade de uma Psicossociologia que se posicione criticamente diante das hegemonias epistêmicas e promova práticas de resistência através de pesquisas participativas e implicadas.

Categoria 4: O significado das atividades e experiência

Os estudos revelam a categoria “significado das atividades e experiência”, destacando que essas experiências estão intimamente ligadas à memória, cultura e valores pessoais e coletivos. O significado das atividades é colocado como um componente para a participação e o envolvimento das pessoas em suas ocupações. Esse significado é moldado pelas experiências individuais e coletivas, que incluem memórias e valores culturais, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva e para o sentimento de pertencimento a uma comunidade, aspectos discutidos tanto nos EOH quanto na Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

As ocupações produzem e expressam significados (Correia, 2020). Da Cruz, Davis e Taff (2023) discutem o significado das atividades dentro do contexto do engajamento ocupacional, discutindo como as atividades que as pessoas realizam em seu dia a dia têm um valor intrínseco e contribuem para o bem-estar e a construção da identidade dos sujeitos. O significado das atividades é apresentado como algo central na prática em Terapia Ocupacional, onde cada atividade é considerada significativa na medida em que contribui para a sensação de propósito e para o desenvolvimento pessoal.

Por outro lado, para o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, as práticas sociais e culturais estão diretamente ligadas ao desenvolvimento da identidade e do pertencimento coletivo. Para autores como Maisonneuve (1977) e Casadore (2013), as atividades são carregadas de simbolismo e subjetividade, e a Psicossociologia busca compreender as relações simbólicas e imaginárias que moldam essas práticas sociais. Camargo et al. (2021) sublinham a importância de uma psicossociologia descolonizada que valorize as práticas locais e suas significações simbólicas, refletindo como as atividades cotidianas carregam significados que são moldados pelo contexto social e cultural.

Shea, Jackson e Haworth (2019) discutem o impacto das atividades ocupacionais significativas na vida dos jovens, destacando como essas atividades podem melhorar a saúde, o bem-estar e a autoestima. Há uma ligação clara entre o

significado das atividades e a experiência vivida pelos jovens, especialmente quando eles se envolvem em atividades que são vistas como alternativas às ocupações de risco. No entanto, poderia haver uma discussão mais profunda sobre como essas atividades são escolhidas com base nas experiências subjetivas dos jovens.

Park, Murphy e Da Cruz (2023) ressaltam como o significado das atividades é dinâmico e fortemente influenciado pelo estado físico e emocional das mulheres que sofrem com a síndrome pré-menstrual (SPM). As participantes dessa pesquisa relataram que atividades que normalmente consideram prazerosas ou significativas se transformam em tarefas árduas durante os episódios de SPM. Assim, compreende-se que o significado das atividades é dinâmico e fortemente influenciado pelo estado físico e emocional das mulheres.

Outro determinante que pode desvalorizar as atividades diárias das pessoas, levando a uma perda de significado em suas ocupações é o desemprego de longa duração. As atividades realizadas pelos desempregados de longa duração são frequentemente vistas como obrigatórias, sem valor pessoal ou social significativo. Isso resulta em um desequilíbrio ocupacional, onde as pessoas sentem que suas atividades diárias são menos valiosas e menos satisfatórias (Turtiainen, Morville e Jansson 2024).

Ademais, Louw e van Niekerk (2023), exploram como a espiritualidade dos adolescentes confere propósito e profundidade às suas atividades, contribuindo para a formação de identidade e bem-estar. As ocupações são vistas como meios de expressar e reforçar a espiritualidade, contribuindo para a formação da identidade e o bem-estar dos adolescentes. A espiritualidade oferece aos adolescentes uma sensação de propósito e direção, ajudando-os a encontrar significado em suas ocupações diárias. Assim, o significado das atividades não é apenas uma característica individual, mas um fenômeno socialmente mediado, onde as ocupações cotidianas servem como expressões de valores espirituais e culturais. Makhata, Naidoo e Gurayah (2021), complementam essa perspectiva ao destacar que as atividades escolhidas pelos adolescentes não apenas refletem seus valores e aspirações, como corroboram na construção de seu bem-estar, identidade e autoeficácia, mesmo diante de adversidades. Dessa forma, o significado das atividades emerge como um fenômeno socialmente mediado, onde as ocupações cotidianas servem como expressões de valores espirituais, culturais e individuais.

O significado das atividades tem ligação direta na recuperação de pessoas com transtornos psiquiátricos, como demonstrado por Bjørkedal et al. (2023). A intervenção MA&R, focada no engajamento em atividades significativas, mostrou que essas atividades não apenas promovem a qualidade de vida, mas são fundamentais para o processo de recuperação pessoal, evidenciando a importância do significado atribuído às ocupações na melhoria do desempenho e bem-estar dos indivíduos.

No contexto latino-americano, a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social reforça a necessidade de adaptar as intervenções às realidades locais e culturais, reconhecendo que o significado das atividades é moldado pelas experiências históricas e coletivas das comunidades. Camargo et al. (2021) destacam a importância de uma psicossociologia descolonizada que valorize as práticas locais e suas significações simbólicas, refletindo como as atividades cotidianas carregam significados profundos que são influenciados pelo contexto social e cultural.

Além disso, é importante integrar as perspectivas individuais e coletivas ao discutir o significado das atividades. As ocupações não apenas refletem os valores e aspirações pessoais, como mostrado nos estudos de Louw e van Niekerk (2023) e Makhata, Naidoo e Gurayah (2021), como também na construção da identidade coletiva e na resistência social, como evidenciado nos trabalhos de Arrais et al. (2013) e Correia, Rebellato e Vieira (2024). Assim, o significado das atividades emerge como um fenômeno socialmente mediado, onde as ocupações cotidianas servem como expressões de valores espirituais, culturais e individuais, contribuindo tanto para a construção da identidade pessoal quanto para a coesão social.

Categoria 5: Metodologias participativas

Produzir conhecimento na interseção entre a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social e envolvimento ocupacional requer métodos específicos. A pesquisa de revisão de escopo encontrou autores e metodologias que aplicam abordagens participativas em seus estudos. Essas metodologias são avaliadas quanto à sua eficácia na promoção do engajamento comunitário e na solução de problemas locais.

Um exemplo relevante é o artigo de Arrais et al. (2023), que utiliza a história oral temática como metodologia para compreender as experiências das mulheres em movimentos feministas. Esta metodologia de cunho qualitativo colabora para que as vozes das participantes sejam ouvidas de forma integral, contribuindo para a desnaturalização das narrativas hegemônicas e valorizando as vivências de grupos oprimidos. Ao envolver ativamente as participantes no processo de pesquisa esta metodologia reforça a importância da participação na construção de conhecimentos socialmente relevantes.

Estudos como o de Bjørkedal et al. (2023) destacam o uso de técnicas participativas como *Photovoice* e *storytelling* que integram as experiências dos participantes no processo terapêutico, sublinhando a importância da participação na recuperação de pessoas com transtornos psiquiátricos. Da mesma forma, Louw e van Niekerk (2023) adotam um estudo de caso coletivo, entrevistas narrativas, observação participante e diário reflexivo para explorar a espiritualidade dos adolescentes e seu engajamento ocupacional.

Já Park, Murphy e Da Cruz (2023) utilizam entrevistas semiestruturadas para capturar as experiências vividas pelas mulheres com SPM, o que indica um instrumento participativo na coleta de dados. Makhata, Naidoo e Gurayah (2021), por sua vez, empregam os grupos focais para envolver adolescentes na discussão de suas experiências e escolhas ocupacionais.

Correia, Rebellato e Vieira (2024) utilizam uma metodologia qualitativa, incluindo entrevistas com um roteiro semiestruturado que permitem que os participantes compartilhem suas experiências e perspectivas de forma aprofundada. A análise dos dados do artigo foi conduzida utilizando o método de análise temática.

No campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social um exemplo disso é a pesquisa conduzida por Faico (2022), que, ao investigar a sustentabilidade nas universidades, combinou o levantamento bibliográfico e pesquisa documental sobre o tema em foco, além da observação participante e a realização de entrevistas com interlocutores estratégicos. Da mesma forma, Da Cruz (2023) utilizou análise documental e observação participante para captar as experiências de mulheres em movimentos feministas, com foco nas resistências contracoloniais.

Outro exemplo de metodologia participativa aplicada na Psicossociologia é encontrado no estudo de Moraes (2023). A pesquisa-intervenção cartográfica foi aplicada para investigar os desdobramentos psicossociais e novas territorialidades após um desastre socioambiental em Nova Friburgo, RJ. A cartografia permitiu um acompanhamento das mudanças no território e a captura das narrativas dos moradores e trabalhadores locais.

Além disso, Ribeiro (2023) e Coelho (2023) aplicaram a metodologia da Investigação Ação-Participante (IAP) de Orlando Falls Borda, uma metodologia dialética que busca a transformação social por meio da construção coletiva de conhecimento. Em seus estudos, essas metodologias foram empregadas para discutir injustiças ambientais e realizar oficinas de intervenção, evidenciando como a participação pode transformar o conhecimento produzido em ações concretas e significativas.

Por fim, Pontes (2023) explorou narrativas temáticas e histórias de vida, a partir da metodologia MVDL - “Minha Vida Dá um Livro” para capturar as experiências de mulheres rezadeiras na Amazônia. Nesse método, as narrativas são produzidas no encontro entre a ouvinte e a narradora, mediadas pela experiência sensível do estar junto. Valorizando a transmissão de saberes ancestrais e espirituais, essa metodologia sensível e participativa permitiu uma compreensão mais profunda das práticas culturais e espirituais que moldam a vida dessas mulheres, destacando o papel de métodos participativos na valorização e preservação de conhecimentos tradicionais.

Sendo assim, os métodos podem enriquecer a análise e a intervenção em comunidades. A Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, como discutido anteriormente, historicamente valoriza metodologias que não apenas envolvem, mas também capacitam as comunidades participantes. Isso fica claro em pesquisas como a de Cerqueira (2024), que utilizou a pesquisa participante inspirada na IAP para investigar práticas econômicas alternativas em Paraty. Essas metodologias participativas não apenas aumentam a relevância e aplicabilidade das pesquisas, como contribuem para a promoção de justiça social, formulação de políticas públicas e a transformação, alinhando-se com os objetivos da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Ao integrar as vozes e experiências das comunidades no processo de pesquisa, esses métodos e técnicas ajudam a construir

um conhecimento mais robusto, contextualizado e comprometido com a realidade social dos grupos estudados.

Tabela 5. Categorias de aproximação entre o Envolvimento Ocupacional e a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Categoria	Envolvimento Ocupacional	Psicossociologia	Correlações
Interação entre o sujeito e o Ambiente	As ocupações são influenciadas e moldadas pelo ambiente cultural e social em que estão inseridos.	Enfoca a interação dos processos sociais e psíquicos, analisando como o ambiente social e cultural impacta as condutas humanas no cotidiano.	Investigam como os contextos sociais e culturais moldam as experiências humanas. Cultura e natureza são indissociáveis
Interdisciplinaridade	Importante para captar como diferentes fatores contextuais influenciam as ocupações diárias, exigindo uma análise que abarque aspectos psicológicos, sociais, culturais e ambientais.	Integra conhecimentos de diversas disciplinas como psicologia, sociologia, antropologia, e psicanálise para a análise de fenômenos complexos, permitindo uma compreensão mais profunda das interações sociais e psíquicas que moldam as condutas humanas no cotidiano.	Necessitam de uma abordagem interdisciplinar para compreender a complexidade dos fenômenos que investigam.
Participação	Evidencia como as ocupações significativas influenciam e são influenciadas pelo contexto social e cultural, impactando diretamente o bem-estar e a saúde dos indivíduos.	Com ênfase na participação coletiva e nas interações sociais dentro de grupos e comunidades, adota uma perspectiva crítica que busca promover abordagens democráticas na tomada de decisões.	A participação nas atividades diárias está para além da experiência individual para englobar dimensões coletivas, impactando o bem-estar e a saúde dos sujeitos.
Significado das Atividades	As atividades diárias são vistas como portadoras de um significado que influencia diretamente a identidade e o bem-estar dos sujeitos, permitindo que construam um senso	Analisa como as atividades refletem e moldam as representações sociais, culturas e práticas grupais, destacando que estas não apenas moldam a identidade individual, mas também refletem e influenciam as estruturas sociais e culturais mais amplas.	As atividades diárias estão para além da execução, são práticas socioculturais, conferindo um sentido mais profundo à vida dos sujeitos e às dinâmicas sociais.

Categoria	Envolvimento Ocupacional	Psicossociologia	Correlações
	de propósito e pertencimento.		
Metodologias Participativas	Metodologias participativas são empregadas para explorar como os indivíduos se engajam em suas atividades diárias.	Utiliza metodologias como a pesquisa-ação e a pesquisa participante, que destacam a relação entre pesquisadores e participantes.	Os campos adotam métodos participativos e reconhecem a importância da inclusão dos participantes na pesquisa e na intervenção.

Fonte: A autora, 2024.

3.3 Discussão

A partir da correlação entre os campos, é possível identificar maneiras pelas quais o envolvimento ocupacional pode apoiar o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. A partir do método adotado, consideramos que a participação, juntamente com conceitos como atividade, fazer, desempenho, significado e experiência, contribuem para entender e aproximar o envolvimento ocupacional na perspectiva da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Ao longo da pesquisa, entendemos que a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social incorpora diferentes referenciais teóricos para falar do seu “objeto” de estudo que é as comunidades. Inicialmente, focamos na ideia de participação, pois tem a ver com os processos metodológicos que esse campo se propõe a adotar.

Um dos questionamentos que surgem ao integrar essa revisão é: será que o que diferencia as pesquisas no campo dos EOH e da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social são os referenciais teóricos ou é, de fato, a compreensão do objeto? A percepção é que os estudos desses dois campos podem estar tratando de assuntos semelhantes, mas com diferentes referenciais teóricos ou compreensões do objeto.

No campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social é comum pesquisas com comunidades tradicionais. Costa (2008), em sua pesquisa “Os sentidos da comunidade: construções intergeracionais de memória coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória – ES”, explora como a pesca, enquanto uma atividade central na vida dos moradores da Ilha das Caieiras, é produzida e como ela estrutura o cotidiano dessas comunidades. A pesca, nesse contexto, é uma ocupação, tanto que Costa a denomina de “ocupação tradicional”. No entanto, outros pesquisadores que investigam comunidades semelhantes, como no caso de Pina (2022) e Nasri (2023), tendem a focar nas atividades realizadas e no modo como essas práticas contribuem para a produção de senso de comunidade. Curiosamente, esses estudos não necessariamente utilizam o termo “ocupação” para descrever a pesca ou outras práticas desempenhadas pelas comunidades, preferindo termos como “atividades”, “práticas sociais” ou “fazeres”.

Isso levanta uma questão relevante: será que o conceito de ocupação já não está presente nas pesquisas do campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social e outras ciências, mas compreendido e nomeado de forma diferente? Tal reflexão sugere a necessidade de investigações futuras que se debrucem mais profundamente sobre essa questão, considerando que o que é chamado de “ocupação” nos EOH pode já estar presente em outros campos sob outros termos/conceitos. Esse debate é particularmente significativo, pois muitas teorias do campo da Terapia Ocupacional têm suas raízes na Antropologia, disciplina que se debruça sobre práticas sociais e fazeres, mas que nem sempre utiliza o termo “ocupação” para descrevê-los. Assim, a diferença entre um “fazer” na antropologia e uma “ocupação” nos EOH pode ser mais conceitual do que relacionada ao objeto em si.

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, inferimos que a ideia de participação a partir do envolvimento ocupacional pode apoiar o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social ao oferecer uma compreensão mais profunda das interações entre indivíduos e seu ambiente. A participação, entendida como função e significado do envolvimento ocupacional, é condição para as experiências humanas, uma vez que é intrínseca e indissociável do ser humano. As pessoas se envolvem em ocupações não apenas por necessidade, mas também

por desejo, construindo vínculos afetivos e sociais que permeiam tanto as micro quanto as macro dimensões das relações cotidianas.

A participação, além de permitir que as pessoas façam o que precisam e desejam em seus espaços de vida, é uma ação pelo qual se constrói o senso de comunidade. Esse senso de comunidade, de acordo com a filosofia pragmatista, pode ser compreendido como uma forma de capital social – um conhecimento adquirido e produzido por meio do fazer coletivo. Aqui, é essencial diferenciar a participação no contexto do envolvimento ocupacional da participação social, frequentemente discutida na literatura como participação democrática ou cidadã.

Enquanto a participação social é frequentemente vinculada a um contexto mais coletivo e institucional, a participação derivada do envolvimento ocupacional é mais relacionada às práticas cotidianas e ordinárias. Esta última reflete a maneira como as pessoas se envolvem em atividades no seu dia a dia, construindo significado tanto individual quanto coletivo. Essa diferença é destacada, por exemplo, ao discutir o Direito à Cidade e a justiça social, onde a participação não é apenas um direito jurídico, mas também um processo filosófico e prático de construir e vivenciar a cidade.

A partir da perspectiva da Ecologia Social, o envolvimento ocupacional adquire uma função na compreensão das interações socioambientais. A participação ativa em ocupações não só contribui para o bem-estar individual e coletivo, como molda e é moldada pelo ambiente em que ocorre. Essa interação dinâmica entre sujeito e ambiente é importante para entender as desigualdades e vulnerabilidades vividas nas cidades, muitas vezes exacerbadas pelas forças do mercado e do neoliberalismo, que transformam a cidade em um produto de comercialização, rompendo vínculos de sustentação social e afetiva.

Nesse contexto, o transacionalismo, uma perspectiva filosófica pragmatista desenvolvida por John Dewey e Jeremy Bentley, oferece uma perspectiva que vai além da simples interação entre pessoa e ambiente. Em vez de focar apenas na “interação”, o transacionalismo considera o contexto, a história, as expectativas e os indivíduos de forma inter-relacionada (Ferrufino et al., 2019). Assim, a perspectiva transacionalista considera a indivisibilidade entre pessoas, ocupações e contextos. Os significados atribuídos às ocupações estão intrinsecamente ligados aos sujeitos que

as realizam, aos contextos em que ocorrem e às interações com os demais envolvidos.

Unir esses campos permite a construção de um saber mais integrado e interdisciplinar, reconhecendo que as ocupações são parte das questões socioambientais e das dinâmicas comunitárias. Ao posicionar a participação como um tema central na Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, é possível criar uma compreensão mais profunda e abrangente das formas como as pessoas interagem com seu ambiente, construindo comunidades mais equânimes, justas e sustentáveis.

Outro ponto a destacar é que, os artigos da área da Terapia ocupacional, sugerem uma interação entre o sujeito e o ambiente. No entanto, a análise dessa interação poderia ser mais aprofundada em termos da Ecologia Social, explorando como o ambiente influencia o engajamento e vice-versa. Há uma oportunidade de expandir a discussão para incluir como essas interações podem ser vistas de uma perspectiva mais ecológica, considerando fatores sociais e ambientais de maneira integrada.

Outra questão relevante é: qual a complexidade que esses objetos de estudo têm que exigem pensar em desenhos qualitativos de cunho participativo? Entendemos que a relevância dos desenhos de pesquisa utilizados nesses campos está intrinsecamente ligada à complexidade dos objetos de estudo que esses campos abordam. A natureza desses objetos – as ocupações, as comunidades e as dinâmicas socioambientais - não se presta a uma mensuração simplista por meio de números ou variáveis quantitativas isoladas. Esses campos exigem métodos qualitativos e participativos que possam captar a profundidade das experiências humanas em seu contexto real.

Por fim, essa discussão levanta uma questão metodológica: como as pesquisas futuras podem operacionalizar essa integração teórica? Será necessário desenvolver novas metodologias que possam capturar simultaneamente os aspectos individuais e coletivos do envolvimento ocupacional, ou as metodologias existentes podem ser adaptadas para esse fim? Além disso, como essas novas abordagens teóricas podem informar e transformar as práticas comunitárias, especialmente em contextos desafiadores e marginalizados?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscamos compreender a relação entre o envolvimento ocupacional e seus conceitos correlatos dentro do arcabouço teórico da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Partimos da hipótese de que a participação é o elo que conecta esses dois campos, e essa hipótese foi ajustada à medida que exploramos mais profundamente os dados e a literatura. Utilizamos uma revisão de escopo para mapear a literatura existente e identificar lacunas e convergências nos estudos sobre o tema.

Os objetivos desta pesquisa foram: revisar a literatura sobre envolvimento ocupacional, identificando conceitos-chave e debates relevantes; caracterizar os artigos a partir de termos, conceitos e áreas; e identificar como o envolvimento ocupacional pode apoiar o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Para alcançar esses objetivos, mapeamos a literatura existente e identificamos lacunas e convergências nos estudos sobre o tema. A pesquisa foi conduzida através da análise de artigos acadêmicos, com foco em metodologias participativas e qualitativas, alinhadas aos princípios do EICOS.

Inicialmente, o foco desta pesquisa estava no conceito de envolvimento ocupacional. No entanto, ao realizar a revisão de escopo, encontramos o termo engajamento ocupacional, frequentemente utilizado na literatura inglesa, como um conceito similar e complementar. Essa descoberta nos levou a expandir nosso estudo para incluir o engajamento ocupacional, reconhecendo a importância de ambos os termos na compreensão das dinâmicas entre ocupação e participação dentro do contexto da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Durante a pesquisa, enfrentamos algumas dificuldades, como a barreira do idioma, já que a maioria da literatura encontrada na revisão de escopo está em inglês e o Brasil não é um país bilíngue com tradição do ensino da língua inglesa na escola e nem da prática de sua fala cotidianamente.

Essa pesquisa também levantou perguntas que ainda precisam ser exploradas, como a natureza específica das correlações entre ocupação e comunidade, e como diferentes contextos culturais influenciam na aplicação desses conceitos.

Recomendamos que futuras pesquisas se aprofundem nos seguintes aspectos:

1. Estudos empíricos que testem a aplicabilidade dos conceitos discutidos em diferentes comunidades;
2. Investigações sobre como metodologias participativas podem ser otimizadas para maximizar a compreensão do envolvimento ocupacional.
3. Pesquisas mais detalhadas em suas escolhas de objeto, construções teóricas das hipóteses, tipo de metodologia utilizada (bem como o debate sobre suas limitações) e verificação mais ampla e crítica dos resultados – o que significa situar os resultados particulares da pesquisa diante da totalidade social.

Os dados coletados possuem relevância em diversos âmbitos. Socialmente, compreender essas correlações pode contribuir para políticas públicas que incentivem a participação comunitária e o bem-estar ocupacional. Politicamente, dados sobre envolvimento e participação podem influenciar a formulação de políticas de saúde, assistência social e educação. Para o campo de pesquisa, esta dissertação fornece uma base teórica e metodológica para futuras investigações que desejem explorar as interseções entre a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social e a Terapia Ocupacional.

Além disso, alguns eixos teóricos não foram plenamente explorados devido ao tempo limitado de um curso de mestrado com duração estrita de 24 meses, mas são promissores para pesquisas futuras. Esses eixos incluem: 1) a influência de diferentes tipos de ocupação na construção de identidade comunitária, 2) a interseção entre políticas de saúde pública e envolvimento ocupacional, e 3) análises comparativas entre diferentes culturas e a influência de contextos locais no envolvimento ocupacional.

A análise dos dados buscou identificar “se” e/ou “como” esses conceitos e referenciais teóricos podem contribuir para a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, oferecendo novas perspectivas para a pesquisa neste campo.

Observa-se que os objetos de estudo dos campos correlacionados, ocupação e comunidade, se interrelacionam por meio de elementos como sujeito, ambiente, experiência, atividade, métodos. A ocupação, enquanto prática e participação ativa, contribui para a construção de identidades comunitárias e sociais.

Consideramos que a participação, juntamente com conceitos como atividade, fazer, desempenho, significado e experiência, contribuem para entender e aproximar o envolvimento ocupacional na perspectiva da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Entretanto, existem lacunas na literatura especializada, já que o conceito de envolvimento ocupacional e o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social ainda não foram explorados suficientemente de forma conjunta e alinhada. Este é um campo em desenvolvimento que exige uma construção coletiva, datada e situada historicamente, contrária a uma lógica elitista e dominante que, muitas vezes, nega os saberes e práticas comunitárias.

Neste sentido, cabe pontuar algumas ausências na discussão de alguns dos artigos encontrados, que estão, a rigor, todas localizadas em uma despolitização dos fenômenos em foco, como as que seguem:

1. Ausência de uma discussão de gênero e relações sociais de sexo e o significado e implicações do patriarcado moderno;
2. Ausência de reflexão sobre a responsabilidade do Estado quanto à saúde integral e bem-estar dos cidadãos através de políticas sociais públicas – apresenta-se o “problema”, apresenta-se uma “tentativa de solução”, mas não se questiona as razões estruturais para aquele fenômeno ter acontecido, naturalizando-o.

A Psicossociologia brasileira, com seu caráter contra-hegemônico e descolonizador, reconhece o papel dos sujeitos e das comunidades em criar, mobilizar e gerir suas próprias lutas na garantia de seus direitos em busca de uma sociedade mais justa.

Ao trazer o conceito de envolvimento ocupacional para o campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, a pesquisa buscou oferecer novas perspectivas para a produção de conhecimento nesse campo. Dessa forma,

contribuímos para integrar novos olhares em um campo tão fecundo, capaz de fundamentar políticas públicas e promover ações sociais em favor das comunidades.

REFERÊNCIAS

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. **Scoping studies: towards a methodological framework.** International journal of social research methodology, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

AZAMORW, Cristiany Rocha. Pesquisa participante, representações sociais e psicossociologia: diálogos possíveis na escola. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 33, p. 137-142, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Ed. Revista e Ampliada, 2011.

BJØRKEDAL, Siv-Therese Bogevik et al. Meaningful Activities and Recovery (MA&R): a co-led peer occupational therapy intervention for people with psychiatric disabilities. Results from a randomized controlled trial. *BMC psychiatry*, v. 23, n. 1, p. 406, 2023.

BOOTH, Andrew; SUTTON, Anthea; PAPAIOANNOU, Diana. **Systematic approaches to a successful literature review.** Sage, 2016.

BRASIL. **Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília: Presidência da República, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm

BRAZ, Matheus Viana; CASADORE, Marcos Mariani; HASHIMOTO, Francisco. Intervenção em psicossociologia: a construção da escuta e a implicação nas organizações. **Psicologia em Estudo**, v. 25, p. e48468, 2020.

CAMARGO, Daniel Renaud *et al.* Psicossociologia com comunidades: abordagens sentipensantes como emergência na América Latina. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 2, p. 1-17, 2021.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Inácia D'Ávila e a história da psicologia social – articulando ecologia, feminismo e desenvolvimento cultural. In: MACIEL, T. M. B.; SOUZA, C. M. (Orgs.). *Inovação e Trajetos: comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade.* Curitiba: Appris, 2018, p. 23-38.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Psicossociologia em exame. In: *Psicossociologia; análise social e intervenção.* André Lévy et al.; organizado e traduzido por Marília Novais da Mata Machado et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

CASADORE, Marcos Mariani. Psicossociologia e Intervenção Psicossociológica: alguns aspectos da pesquisa e da prática, In: EMIDIO, T.; HASHIMOTO, F. **Psicologia e seus campos de atuação: demandas contemporâneas.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** Cortez editora, 2018.

COLLINS, John A.; FAUSER, Bart CJM. Balancing the strengths of systematic and narrative reviews. **Human reproduction update**, v. 11, n. 2, p. 103-104, 2005.

CERQUEIRA, Gustavo. **Economias do sentido: empreendimentos solidários e a busca por bem viver**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Orientador: Ricardo Lopes Correia. Rio de Janeiro, 2024.

COELHO, Jéssica Alves. **Perspectivas sobre racismo ambiental e direito à cidade no bairro de São Pedro, Teresópolis, RJ**: injustiça ambiental e recorte racial na favela. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

CORREIA, Alice; COELHO, Carolina; SALLES, Livia. Cidade interseccional: o direito à cidade nas perspectivas de gênero e raça. Observatório das Metrôpoles, 2018.

CORREIA, Ricardo Lopes et al. Velhices dissidentes de gêneros e sexualidades: as ocupações coletivas frente a pandemia Covid-19. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 4, n. 3, p. 460-487, 2020.

CORREIA, Ricardo Lopes. Envolvimento ocupacional, analfabetismo urbanístico e interdisciplinaridade. A terapia ocupacional para as cidades pelas ideias da Erminia Maricato. **Revista Políticas Públicas & Cidades** | v. 10, n. 1, p. 57-83, 2021a.

CORREIA, R. L. O direito à cidade e o envolvimento ocupacional. **Introdução às velhices LGBTI**, v. 1, p. 116-126, 2021b.

CORREIA, Ricardo Lopes; REBELLATO, Carolina; VIEIRA, Lucas Rodrigo Apis. Envolvimento ocupacional de homens gays idosos. **Journal of Occupational Science**, p. 1-15, 2024.

COSTA, Samira. **Os Sentidos da Comunidade**: Construções Intergeracionais de Memória Coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória – ES. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Samira Lima da et al. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 2, p. 283-291, 2015.

CRUZ, Daniel Cezar da; TAFF, Steven; DAVIS, Jane. Occupational engagement: some assumptions to inform occupational therapy. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, p. e3385, 2023.

D'ÁVILA, NETO; INÁCIA, Maria. **A porta, a ponte e a rede: reflexões para pensar o conceito de rede e o conceito de comunidade**. D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro (Org.). Tecendo o desenvolvimento Rio de Janeiro: MAUAD, p. 13-28, 2003.

DUBOST, Jean. As origens técnicas da intervenção psicossociológica e algumas questões atuais. LÉVY, A. et al. **Psicossociologia**: análise social e intervenção. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; PAULON, Clarice Pimentel; MILÁN-RAMOS, José Guillermo. **Análise psicanalítica de discursos**: perspectivas lacanianas. 1. ed. - São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2016.

ENRIQUEZ, Eugene. As solidariedades estão voltando, diz Eugène Enriquez. **Boletim UFMG**. Entrevista concedida ao Boletim UFMG em 7 de agosto de 2009. Disponível em <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/012658.shtml>> Acesso em 03 abr. 2023.

ESCHENFELDER, Verna G.; GAVALAS, Christina M. Joint attention and occupations for children and families living with autism spectrum disorder: A scoping review. **The Open Journal of Occupational Therapy**, v. 5, n. 4, p. 5, 2017.

FAICO, Graciella Ferreira. **Regenerando amanhã desejáveis nas universidades: da Ecologia Social à Psicologia Ambiental para o cultivo de sustentabilidades na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

FRANK, Gelya. Occupational science's stalled revolution and a manifesto for reconstruction, *Journal of Occupational Science*, 29:4, 455-477, 2022. DOI: 10.1080/14427591.2022.2110658

GRANT, Maria J.; BOOTH, Andrew. **A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies**. *Health information & libraries journal*, v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009.

IRVING, Marta de Azevedo. **Por que a Psicossociologia e a Ecologia Social? Em busca de alternativas para a produção de conhecimento no campo da sustentabilidade**. In: MACIEL; T. M. B.; SOUZA, C. M. (Orgs.). *Inovação e Trajetos: comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade*. Curitiba: Appris, 2018, p. 132-145.

IRVING, Marta de Azevedo. **Eicos - Linhas de Pesquisa - Prof. Marta Irving - Linha 1 em 25 de abril de 2020**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pJ8MngbAXL8&t=355s>>. Acesso em: 5 jan. 2024.

IRVING, Marta de Azevedo. **1º Seminário de discentes da Linha 1 do EICOS: Ecologia Social, Comunidades e Sustentabilidade (Dia 1)**.2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ejDW6s5tGtA&t=4748s>>. Acesso em: 5 jan. 2024.

JODELET, Denise. Inácia D'Ávila Neto: Uma prática psicossocial inovadora. In: Mello e Souza, Cecília de; MACIEL, Tania (orgs). **Inovação e trajetos: comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade**. Curitiba, 1ª ed, Appris, 189p, 2018.

KITCHENHAM, B., BRERETON, O. P., BUDGEN, D., TURNER, M., BAILEY, J., & LINKMAN, S. Systematic literature reviews in software engineering—a systematic literature review. **Information and software technology**, 51(1), 7-15, 2009.

LAGES, Sônia Regina. Metodologia de pesquisa em psicossociologia: Estudos sobre o campo religioso afro-brasileiro a partir dos estudos pós-coloniais. **Psicologia para América Latina** (2013), 24, 83-96.

LAW, Mary *et al.* The person-environment-occupation model: A transactive approach to occupational performance. **Canadian journal of occupational therapy**, v. 63, n. 1, p. 9-23, 1996.

LÉVY, André *et al.* **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Organizado e traduzido por Marília Novais da Mata Machado *et al.* Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 264p.

LOUW, Helena Christina; VAN NIEKERK, Lana. An occupational perspective on the interplay between adolescents' spirituality and occupational engagement. *Journal of Occupational Science*, p. 1-14, 2024.

MACHADO, Marília Novaes da Mata; ROEDEL, Sonia. Prefácio. In: LÉVY, André et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

MACIEL; Tania M. Barros; SOUZA, Cecília Melo. (Orgs.). **Inovação e Trajetos: comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade**. Curitiba: Appris, 2018.

MAISONNEUVE, Jean. **Introdução à Psicossociologia**. São Paulo: Ed. Univ., 1977.

MAGALHÃES, L. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 21, n. 2, 2013.

MAKHATA, Mookho Mariam; NAIDOO, Deshini; GURAYAH, Thavanesi. Occupational choices of school-going adolescents: a study in the Pitseng Area, Leribe District, Lesotho. **Rural and Remote Health**, v. 21, n. 4, p. 1-11, 2021.

MIKOŁAJCZYK-LERMAN, Grażyna; POTOCZNA, Małgorzata. **Enhancing autonomy through the occupational engagement of adults with intellectual disabilities**: Supported employment model applied by the Polish association for persons with intellectual disabilities (branch in zgorzelec). *Przegląd Socjologii Jakościowej*, v. 15, n. 4, p. 184-203, 2019.

MORRIS, Karen; COX, Diane L. Developing a descriptive framework for “occupational engagement”. **Journal of Occupational Science**, v. 24, n. 2, p. 152-164, 2017.

MORRISON, Rodolfo et al. Por que uma Ciência Ocupacional na América Latina? Possíveis relações com a Terapia Ocupacional com base em uma perspectiva pragmatista. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, p. e2081, 2021.

NASCIUTTI, Jacyara. C. Rochael. **Participação comunitária para uma melhor qualidade de vida**. Documenta EICOS, Rio de Janeiro, v. 8, n. 11, p. 01-22, 2000.

NASRI, Yasmin Xavier Guimarães. **Sol, Praia e Parque: Narrativas insurgentes sobre o Lazer de Base Comunitária na Região Turística da Costa do Sol (RJ, Brasil)**. Rio de Janeiro, 2023. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.

PARK, Yebin; MURPHY, Angela; CEZAR DA CRUZ, Daniel. Occupational participation and engagement of woman experiencing premenstrual syndrome: A qualitative study. **British Journal of Occupational Therapy**, v. 86, n. 9, p. 639-647, 2023.

PINA, Hugo Barros. **Abrço entre o mar e a restinga: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ)**. Rio de Janeiro, 2022. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

PONTES, Margareth Alves. **Narrativas, escuta sensível, lugares (e não lugares) da espiritualidade nos cuidados da vida**: Psicossociologia dos afetos e produção de saber ancestral pelas mãos das rezadeiras de Mocambo do Arari - AM. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia – UFRJ. Rio de Janeiro, 2023

SHEA, Chi-Kwan; JACKSON, Nancy; HAWORTH, Christine. Serving high-risk youth in context: Perspectives from Hong Kong. **The Open Journal of Occupational Therapy**, v. 7, n. 3, p. 1-16, 2019.

SILVA, Alanna Gomes da; PRATES, Elton Junio Sady; MALTA, Deborah Carvalho. **Avaliação de programas comunitários de atividade física no Brasil: uma revisão de escopo.** Cadernos de Saúde Pública, v. 37, p. e00277820, 2021.

SILVA JUNIOR, Luiz Alberto; LEÃO, Marcelo Brito Carneiro. **O software Atlas. ti como recurso para a análise de conteúdo:** analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses brasileiras. Ciência & Educação, v. 24, n. 3, p. 715-728, 2018.

SOUSA, J; SANTOS, S. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: Modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, 10 (2), 1396–1416. 2020.

TAKEITI, Beatriz Akemi et al. Editorial PPP 16 (2)-Psicossociologia desde a América Latina. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 2, p. 1-8, 2021.

TURTIAINEN, Tanja; MORVILLE, Anne-Le; JANSSON, Inger. Experiences of long-term unemployment from an occupational perspective: A scoping review. **Journal of Occupational Science**, p. 1-18, 2023.

VASCONCELOS, E. M. **Abordagens psicossociais: História, teoria e trabalho no campo.** São Paulo: Editora Hucitec, 2016.

VIRKKI, Kaarina Barbosa. **Bem me quer, mal me quer:** decodificando a hospitalidade carioca para se pensar a retomada do turismo no Rio de Janeiro pós-Pandemia da Covid-19. Dissertação de mestrado (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

YOUNES-IBRAHIM, Samira. **Mulheres sobreviventes de desastres socioambientais em Petrópolis – RJ:** Re-existências para suspender o céu. Psicossociologia e desastres. Rio de Janeiro, 2024. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Programa EICOS- Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2024.

WOHLIN, Claes. Guidelines for snowballing in systematic literature studies and a replication in software engineering. In: **Proceedings of the 18th international conference on evaluation and assessment in software engineering.** ACM, 2014. p. 38.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS - WFOT. Position Statement Activities of Daily Living. [s.l.]: WFOT, 2012. Disponível em: <<http://www.wfot.org/ResourceCentre/tabid/132/cid/31/Default.aspx>> Acesso em: 24 de julho 2024

YERXA, E. J. **Occupational science:** A new source of power for participants in occupational therapy. Journal of Occupational Science, Sidney, v. 1, n. 1, p. 3-9, 1993

APÊNDICE A – QUADRO-RESUMO DE AUTORES DA PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL

Autor/ano	Título
Enriquez (2009)	As solidariedades estão voltando, diz Eugène Enriquez. Boletim UFMG.
Maisonneuve (1977)	Introdução a Psicossociologia
Carreteiro (2001)	Psicossociologia em exame. In: Psicossociologia; análise social e intervenção.
Jodelet (2018)	Inácia D'Ávila Neto: Uma prática psicossocial inovadora
Irving (2018)	Por que a Psicossociologia e a Ecologia Social? Em busca de alternativas para a produção de conhecimento no campo da sustentabilidade
Azarmow (2021)	Pesquisa participante, representações sociais e psicossociologia: diálogos possíveis na escola
Camargo et al., (2019)	Psicossociologia com comunidades: abordagens sentipensantes como emergência na América Latina
Lages (2013)	Metodologia de pesquisa em psicossociologia: Estudos sobre o campo religioso afro-brasileiro a partir dos estudos pós-coloniais
Vasconcelos (2016)	Abordagens psicossociais: História, teoria e trabalho no campo.
Takeiti et al., (2021)	Psicossociologia desde a América Latina
Dubost (2001)	As origens técnicas da intervenção psicossociológica e algumas questões atuais
Lévy et al., (2001)	Psicossociologia: análise social e intervenção
Casadore (2013)	Psicossociologia e Intervenção Psicossociológica: alguns aspectos da pesquisa e da prática
Machado e Roedel (2001)	Prefácio. In: Psicossociologia: análise social e intervenção
Costa (2008)	Os Sentidos da Comunidade: Construções Intergeracionais de Memória Coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória – ES
D'Ávila (2003)	A porta, a ponte e a rede: reflexões para pensar o conceito de rede e o conceito de comunidade.
Faico (2022)	Regenerando amanhãs desejáveis nas universidades: da Ecologia Social à Psicologia Ambiental para o cultivo de sustentabilidades na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Nasciutti (2000)	Participação comunitária para uma melhor qualidade de vida. Documenta EICOS

Fonte: A autora, 2024.

APÊNDICE B – ELEMENTOS DA ANÁLISE DE DADOS

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
Arrais et al	2023	Qualitativa - história oral temática	Lugar do feminismo é no cotidiano: participação nos movimentos feministas e ocupações de mulheres jovens militantes	A participação é conceitualizada como um comprometimento que vai além de simplesmente apoiar ou concordar com as ideias feministas. É descrita como uma integração das mulheres nos movimentos, influenciando não apenas suas perspectivas e crenças, mas também suas práticas diárias, escolhas, relações sociais e ocupações cotidianas.	Sardenberg (2006), que destaca que as perspectivas feministas favorecem a prática autorreflexiva, capacitando as mulheres a falar por si mesmas, serem ouvidas e reivindicarem suas lutas e conquistas	O artigo estabelece uma conexão entre a participação nos movimentos feministas e o conceito de envolvimento ocupacional ao descrever como o envolvimento nas atividades do movimento influencia diretamente nas ocupações diárias das mulheres. Essa relação entre participação feminista e ocupações cotidianas é entendida como uma forma de envolvimento ocupacional, onde as atividades e práticas relacionadas ao feminismo impactam nas escolhas, ações e perspectivas das mulheres.	O envolvimento nos movimentos feministas tem um significativo impacto na vida cotidiana das participantes. A participação no movimento feminista é percebida como construção na trajetória de vida, proporcionando uma compreensão de si mesma como ser político, promovendo um sentido de pertencimento coletivo e oferecendo apoio e união na luta por uma realidade social mais justa.
Bjørkedal et al	2023	Ensaio clínico randomizado	Meaningful Activities and Recovery (MA&R): a co-led peer occupational	A participação refere-se à capacidade e envolvimento das pessoas com	Blank, Harries e Reynolds (2015)	Tanto o engajamento ocupacional quanto a participação estão ligados ao processo	A intervenção MA&R, que se concentrou no engajamento em atividades significativas,

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
			therapy intervention for people with psychiatric disabilities. Results from a randomized controlled trial	transtornos psiquiátricos em atividades diárias significativas. A avaliação da intervenção MA&R está centrada na melhoria do envolvimento em atividades, qualidade de vida e recuperação pessoal desses indivíduos.		de recuperação em saúde mental, destacando a importância do envolvimento em atividades terapêuticas e significativas para promover a melhoria do funcionamento e bem-estar dos indivíduos.	funcionamento, qualidade de vida e recuperação pessoal, não mostrou diferenças significativas em comparação com o grupo que recebeu apenas o cuidado padrão.
Eschenfelder e Gavalas	2017	Qualitativa - Revisão de escopo	Joint Attention and Occupations for Children and Families Living with Autism Spectrum Disorder: A Scoping Review	A participação é entendida como a capacidade de indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo se envolverem em interações sociais significativas, ocupações e co-ocupações de forma ativa e satisfatória. A participação envolve a capacidade de participar em atividades diárias, interações sociais e ocupações de maneira significativa e engajada, contribuindo para o desenvolvimento global, bem-estar e qualidade de vida das crianças com autismo e	Não há um autor específico no texto que conceitue o que é participação.	A ligação entre participação e envolvimento ocupacional está implícita na ideia de que o desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação, por meio das estratégias de ensino de JA, pode impactar a participação das crianças em diversas ocupações ao longo do seu desenvolvimento.	Os resultados sugerem que o ensino de estratégias de atenção conjunta (JA) pode ter benefícios para a comunicação, reciprocidade e engajamento em interações sociais para crianças com TEA. O artigo argumenta que incorporar essas estratégias nas intervenções ocupacionais pode promover a participação e o envolvimento social para crianças com TEA e suas famílias.

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
				suas famílias. O estudo destaca a importância de promover a participação social e ocupacional dessas crianças por meio de estratégias de ensino de atenção conjunta e intervenções baseadas em ocupações.			
Da Cruz e Davis	2023	Qualitativa - revisão bibliográfica	Occupational engagement: some assumptions to inform occupational therapy	Discute como diferentes modelos e teorias em TO abordam a participação e o engajamento ocupacional. São mencionados o Modelo de Ocupação Humana (MOHO), o Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional e Envolvimento (CMOP-E) e a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA). O artigo destaca que, embora a participação seja frequentemente associada ao desempenho ocupacional, o engajamento ocupacional pode ocorrer		A participação pode ser vista como uma expressão externa do engajamento ocupacional, onde a participação em uma ocupação é apenas uma manifestação visível desse envolvimento mais amplo. Os autores exploram a ideia de que o envolvimento ocupacional ocorre em um nível mais profundo, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e de significado.	Enfatiza que o engajamento ocupacional vai além do desempenho ocupacional e pode ocorrer independentemente desse desempenho. Os autores argumentam que o envolvimento ocupacional é um fenômeno complexo, variável e subjetivo, que pode influenciar a qualidade de vida e o bem-estar dos indivíduos. Também apontam para a necessidade de uma compreensão mais aprofundada do engajamento ocupacional, bem como para o desenvolvimento de uma linguagem comum na profissão para facilitar a comunicação e o avanço do conhecimento nessa área.

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
				independentemente do desempenho ativo, como é reconhecido no CMOP-E. Reflete também a importância de entender a participação não apenas como um ato de desempenho, mas também como uma experiência subjetiva que envolve aspectos cognitivos e afetivos.			
Shea, Jackson e Haworth	2019	Qualitativa - pesquisa exploratória com entrevistas semiestruturadas	Serving High-Risk Youth in Context: Perspectives from Hong Kong	A participação, conforme discutido no artigo, é apoiada pela TO, que promove a saúde e a participação na vida do indivíduo por meio do engajamento em ocupações. A participação em ocupações significativas é vista como uma maneira de melhorar a saúde e o bem-estar, além de instilar um senso de autonomia e autoestima, especialmente em jovens urbanos de baixa renda	não especificam um referencial teórico sobre participação.	*	Os autores sugerem que a terapia ocupacional pode contribuir para mitigar os fatores de risco dos jovens por meio do engajamento ocupacional ecológico.
Makhata, Naidoo e Gurayah	2021	Qualitativo - pesquisa exploratória	Occupational choices of school-going adolescents:	A compreensão de participação abordada no artigo inclui a	não especificam um	A participação em ocupações traz significado e	O resultado do artigo inclui a identificação de três temas principais

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
			a study in the Pitseng Area, Leribe District, Lesotho	participação dos adolescentes em ocupações diárias, lazer e atividades extracurriculares em um contexto rural. Isso é influenciado por fatores como normas culturais, escassez de recursos, ambiente escolar e engajamento em lazer. A participação em ocupações diárias é exemplificada por tarefas como ferver água para banho, cozinhar em fogões primus e aquecer um ferro de metal para passar roupas, destacando a influência do baixo status socioeconômico e a insegurança alimentar. Além disso, a participação em lazer e atividades extracurriculares é limitada pela falta de recursos, como a ausência de equipamentos para treinamento físico e a falta de áreas de lazer, embora os	referencial teórico sobre participação.	propósito para a vida das pessoas, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades físicas, psicológicas, sociais e espirituais. Além disso, a participação e o significado derivados das ocupações contribuem para o desenvolvimento da identidade e autoeficácia de uma pessoa. Portanto, o engajamento ocupacional é facilitado pela oportunidade e capacidade dos adolescentes de escolher as ocupações nas quais desejam ou precisam se engajar, refletindo a importância da participação em atividades que trazem significado e propósito para suas vidas	relacionados às escolhas ocupacionais de adolescentes escolares na área de Pitseng, em Lesoto: a influência da vida rural na participação ocupacional, facilitadores do engajamento ocupacional e o equilíbrio entre bem-estar e comportamento de risco. O estudo revelou que os adolescentes dessa área enfrentam desafios como escassez de recursos e normas culturais que impactam suas escolhas ocupacionais. Apesar desses desafios, os adolescentes demonstraram resiliência e criatividade ao encontrar maneiras de se engajar em atividades significativas.

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
				adolescentes demonstrem resiliência e criatividade ao se engajarem em atividades que não requerem muitos recursos, como o futebol			
Turtiainen, Morville e Jansson	2024	Revisão de escopo	Experiences of long-term unemployment from an occupational perspective: A scoping review	Participação, segundo o artigo, envolve ter contatos sociais, sentir-se apreciado e útil, ter estrutura, ser ativo, ter recursos financeiros suficientes, e ter autonomia na escolha e no envolvimento em ocupações significativas	não especificam um referencial teórico sobre participação.	O artigo discute aspectos relacionados ao engajamento ocupacional e à participação, mas não estabelecem explicitamente uma conexão entre os dois conceitos.	A conclusão do artigo foca na síntese do conhecimento existente sobre a experiência de estar desempregado a longo prazo. O desemprego afeta sua participação
Morris & Cox	2017	Revisão de literatura	Developing a descriptive framework for “occupational engagement”	a participação é vista como um conceito comum na literatura, mas sua relação específica com o engajamento ocupacional não é clara, e há uma necessidade de refletir sobre as metáforas usadas pelos participantes para entender plenamente suas necessidades no contexto de seus ambientes culturais e sociais	não especificam um referencial teórico sobre participação.	Os elementos de conexão entre engajamento ocupacional e participação incluem a ideia de que a participação pode se desenvolver em engajamento uma vez que um indivíduo tenha identificado uma significância subjetiva em uma ocupação que se relaciona com um senso de bem-estar.	O artigo aponta que a ocupação pode ter tanto aspectos positivos quanto negativos, e é importante considerar o valor e as consequências das experiências ocupacionais ao longo do tempo. Um framework descritivo foi proposto para ajudar a entender melhor o engajamento ocupacional. O artigo também enfatiza que os cientistas ocupacionais devem reconsiderar

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
Correia, Rebellato e Vieira	2024	Pesquisa exploratória	Envolvimento ocupacional de homens gays idosos	A participação social é compreendida como parte das trajetórias de envolvimento ocupacional, que inclui atividades físicas, trabalho, lazer e a produção e compartilhamento de significados na sociabilidade.	não especificam um referencial teórico sobre participação.	Além disso, a participação é descrita como "fazer" sem atribuir um valor positivo ou negativo, enquanto o engajamento ocupacional envolve um valor pessoal positivo. A compreensão das interações pessoa-ambiente, que abrange tanto a objetividade quanto a subjetividade de maneira indissociável, além de processos conscientes, inconscientes e ecológicos. A participação é compreendida como um aspecto fundamental do envolvimento ocupacional, revelando aspectos teórico-metodológicos da experiência humana e apoiando práticas terapêutico-ocupacionais	continuamente o valor das ocupações e seu impacto na saúde e bem-estar a longo prazo. O artigo conclui que o envolvimento ocupacional de homens gays idosos é significativamente impactado pelo estigma relacionado à idade e à orientação sexual. Foram identificados cinco temas principais nas narrativas dos participantes: autocuidado, mobilidade, redes de apoio, repressão, resistência e expressão da sexualidade, e projeto de vida. Os resultados destacam a importância de compreender as trajetórias ocupacionais desses indivíduos e os desafios enfrentados devido às normas sociais heterocisnormativas. Além disso, o estudo ressalta a necessidade de quebrar preconceitos e criar

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
Mikołajczyk-Lerman e Potoczna	2019	Pesquisa exploratória - entrevistas	Enhancing Autonomy through the Occupational Engagement of Adults with Intellectual Disabilities: Supported Employment Model Applied by the Polish Association for Persons with Intellectual Disabilities (Branch in Zgierz)	A participação refere-se à participação social facilitada e ao engajamento ocupacional de adultos com deficiência intelectual, implementados com base no modelo de emprego apoiado. Este modelo é entendido como um processo multietapas que visa fornecer competências e habilidades para facilitar a participação sustentável dessas pessoas no mercado de trabalho aberto	não especificam um referencial teórico sobre participação.		serviços inclusivos para garantir os direitos dessa população no final da vida. O artigo indica que a promoção da participação social e do engajamento ocupacional de pessoas com deficiência intelectual, realizada pelo Centro DZWONI e baseada no modelo de emprego apoiado, é um exemplo de abordagem sistêmica para a colocação e manutenção sustentável de emprego no mercado de trabalho aberto para essa categoria de pessoas. O empoderamento das pessoas com deficiência em cada etapa do processo é central para o projeto, permitindo que desenvolvam sua autoestima com base na consciência de suas próprias competências
Louw e Van Niekerk	2023	Estudo de Caso - observação participante	An occupational perspective on the interplay between adolescents' spirituality and occupational engagement	Não aborda diretamente o conceito de participação	não especificam um referencial teórico sobre participação.		O artigo destaca que a espiritualidade está entrelaçada com o engajamento ocupacional e influencia as escolhas, o envolvimento e a identidade ocupacional dos adolescentes. A

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
Law et.al	1996	Revisão de literatura	The person-environment-occupation model: A	Não aborda diretamente o conceito de participação	não especificam um	Não faz	<p>espiritualidade não se limita a práticas religiosas específicas, mas permeia todos os aspectos da vida dos jovens, moldando suas experiências e ações cotidianas. O estudo sugere que a interdependência entre espiritualidade e engajamento ocupacional merece mais investigação, especialmente em contextos socioculturais e políticos variados. É necessário realizar pesquisas adicionais para entender melhor como essas dimensões se desenvolvem e interagem, com ênfase em ambientes naturais dos adolescentes e mudanças ao longo do tempo. A utilização de conceitos como o Ubuntu pode oferecer novas perspectivas sobre como a espiritualidade e o engajamento ocupacional se influenciam mutuamente dentro de contextos específicos.</p> <p>O modelo enfatiza a relação dinâmica entre a pessoa, o ambiente e a</p>

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
			transactive approach to occupational performance.		referencial teórico sobre participação.		ocupação, e a complexidade de abordar questões na terapia ocupacional.
Correia et al.	2020	Ensaio teórico	Velhices dissidentes de gêneros e sexualidades: ocupações coletivas frente a pandemia Covid-19	a participação é entendida como um fenômeno humano e social que é produzido e expressado através das ocupações. Essas ocupações possuem significados culturais e pessoais, e são indissociáveis das dimensões individual e coletiva. A participação é estruturada pelas ocupações, que podem gerar coesão social ou disjunção, dependendo da inter-relação entre os contextos de vida e as características dos sujeitos	não especificam um referencial teórico sobre participação.	Compreende-se que elo de ligação entre a participação e os conceitos de envolvimento ocupacional são as ocupações. A participação é mediada pelo envolvimento ocupacional	O artigo indica que a vivência de situações de crise, como a pandemia da Covid-19, coloca as fragilidades e vulnerabilidades da população LGBTQI+ idosa na arena política. O texto apresenta e debate os mecanismos de abjeção e invisibilidade que colocam essa população na condição dicotômica e injusta de buscar "saídas do armário" para responder entre as privações de liberdade e as libertações das performatividades ocupacionais de gênero e sexualidade.
Park, Murphy e Da Cruz	2023	Análise temática	Occupational participation and engagement of woman experiencing premenstrual syndrome: A qualitative study	A participação ocupacional é discutida no contexto dos sintomas da síndrome pré-menstrual (PMS) e como esses sintomas afetam a capacidade das mulheres de se envolverem em suas ocupações diárias. Por exemplo, o texto	não especificam um referencial teórico sobre participação.	segundo o texto, a motivação para participar de ocupações importantes ou significativas pode afetar diretamente o engajamento ocupacional. A falta de interesse em participar dessas	O artigo indica que os sintomas da síndrome pré-menstrual (PMS) têm um impacto significativo na participação ocupacional e no engajamento das mulheres. Especificamente, foi observado que a falta de interesse em participar de ocupações importantes ou

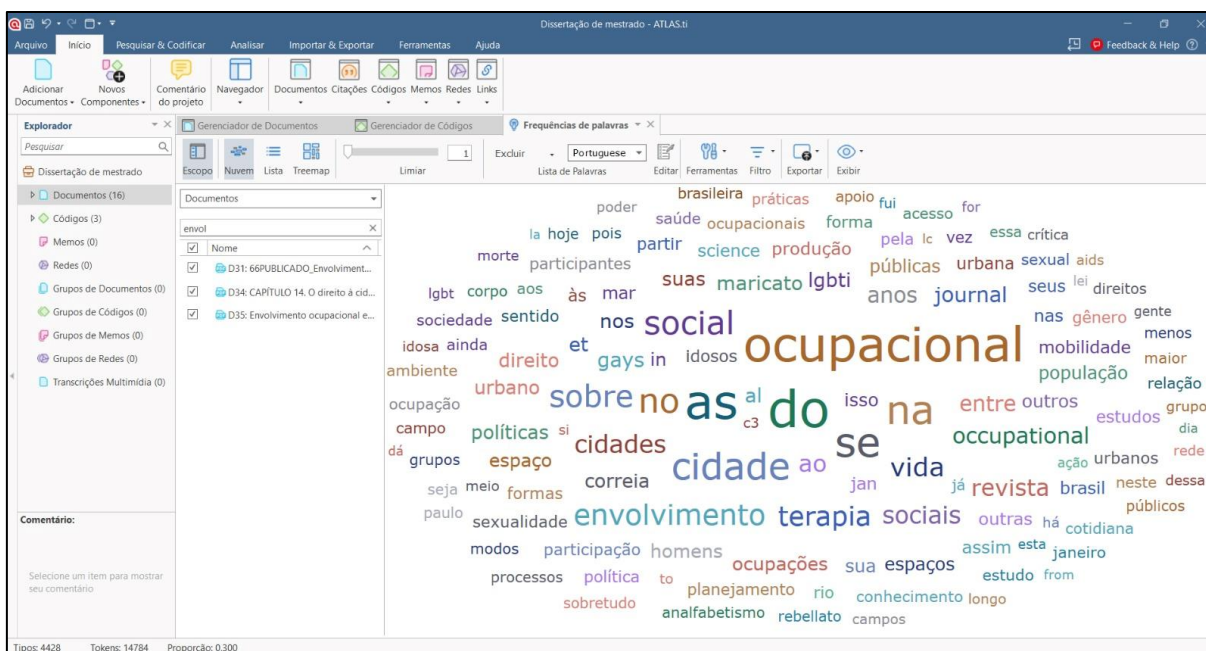
Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
				<p>menciona que a participação ocupacional pode ser facilitada através de um plano de rotina e explorando o poder das ocupações para aliviar os sintomas da PMS, permitindo um engajamento ocupacional positivo. A participação ocupacional é afetada pela motivação, e a falta de interesse em participar de ocupações importantes ou significativas é um dos resultados observados.</p>		<p>ocupações pode levar a uma diminuição tanto na participação quanto no engajamento ocupacional. O engajamento ocupacional e a participação têm em comum a influência da motivação.</p>	<p>significativas é um dos resultados, afetando tanto a participação quanto o engajamento ocupacional.</p>
Correia	2021a	Revisão de literatura	<p>Envolvimento ocupacional, analfabetismo urbanístico e interdisciplinaridade. A terapia ocupacional para as cidades pelas ideias da Erminia Maricato</p>	<p>No caso desse artigo, a participação foi compreendida como um processo que, em muitos casos, é realizado por meio de instrumentos rígidos e tecnocráticos, dificultando a compreensão da realidade e tornando a participação social apenas um dado de aderência a uma proposta já previamente definida por uma equipe</p>	<p>não especificam um referencial teórico sobre participação.</p>	<p>O envolvimento ocupacional fortalece e dá sentido à participação social e ao senso de comunidade. A consciência crítica sobre a vida cotidiana, derivada do envolvimento ocupacional, contribui para a percepção e crítica dialógica sobre os fatores que determinam e disputam o poder</p>	<p>O artigo conclui que a participação social nos processos de construção e revisão de planos diretores em municípios brasileiros é frequentemente realizada por meio de instrumentos rígidos e tecnocráticos, o que dificulta a compreensão da realidade e limita a participação da população a um dado de aderência a propostas previamente definidas por especialistas. Menos da metade dos municípios</p>

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
				de especialistas. Isso foi evidenciado pela constatação de que menos da metade dos municípios brasileiros se dedicaram a explicitar estratégias de participação social em seus relatórios finais de planos diretores. A participação da população nas etapas de identificação de demandas, avaliação e tomadas de decisões é, portanto, limitada e conduzida de maneira tradicional por áreas disciplinares como Arquitetura e Urbanismo, Engenharia, Direito e Geografia, que não possuem um escopo de competência suficiente para compreender e intervir tecnicamente nos processos cotidianos de envolvimento ocupacional.		sobre os bens e oportunidades de realizar a vida e participar dela socialmente.	estudados explicitaram estratégias de participação social em seus relatórios finais. O autor destaca a necessidade da interdisciplinaridade para lidar com as demandas complexas da sociedade e garantir o direito à cidade
Correia	2021b	Revisão de literatura	O Direito à Cidade e o envolvimento ocupacional	A participação social é entendida como a capacidade de se envolver ativamente nos processos e espaços da	não especificam um referencial	A importância das ocupações no cotidiano das pessoas, especialmente em	O artigo discute como historicamente, pessoas LGBTI+ foram excluídas dos espaços públicos e tiveram seu envolvimento

Autores	Ano	Tipo de pesquisa	Título	Compreensão da participação	Referencial teórico sobre participação	Elementos de conexão	Resultados
				cidade. Isso inclui atividades diárias como morar, trabalhar, se divertir, transitar, e outras formas de interação social.	teórico sobre participação.	contextos urbanos, e como o direito à cidade e a inclusão social são fundamentais para garantir que todas as pessoas possam participar plenamente da vida urbana	ocupacional limitado à esfera privada, devido a normas heteronormativas e outras formas de discriminação.

Fonte: A autora, 2024.

APÊNDICE C – MAPEAMENTO AUXILIAR DE PALAVRAS (ATLAS.TI)



Fonte: A autora, 2024.